BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº68 3 de Maio de 2001 Quinzenal Director: Bruno Ferreira Director Adjunto: Sérgio Alves
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

Greve em Direito ?

Os assistentes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra poderão entrar em greve. Em causa estão as alterações ao Estatuto da Carreira Docente e a impossibilidade de contratação de novos assistentes estagiários e monitores, imposta pelo Senado da Universidade de Coimbra.

Página 6

Queima das Fitas 2001

O regresso da festa

Destacável de 8 páginas

Pro Urbe

Antevisão do congresso de 25 e 26 de Maio no TAGV

Páginas 2 a 5

Websense

Acesso gratuito à internet na Universidade é filtrado

Página 7

Ciclo de Cinema

"Rostos do Cinema" é o título da mostra cinematográfica no TAGV

Página 17

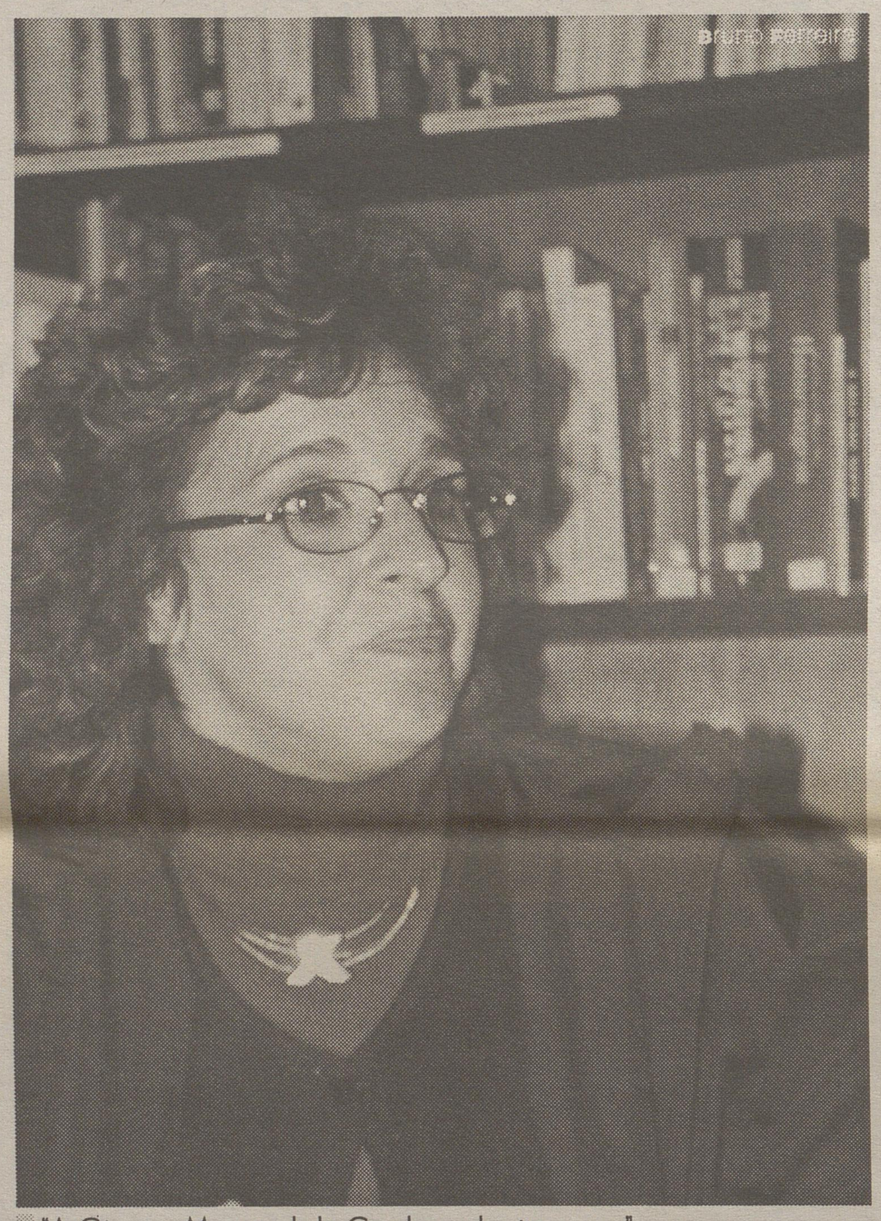
v.s.f.f.

Natércia Coimbra, membro da direcção da Pro Urbe, em entrevista

"O atraso estrutural de Coim

A associação cívica Pro Urbe nasce formalmente em 1996, fruto do espírito crítico de alguns cidadãos de Coimbra e da vontade de reagir contra o estagnamento da cidade. Em entrevista à CABRA, Natércia Coimbra, da direcção da associação, explica que ela não se quer partidarizar e que o poder autárquico tem que se habituar a viver em regime democrático.

A 25 e 26 de Maio, a Pro Urbe realiza o congresso "Pela Cidade. Uma Carta Constitucional para Coimbra", a decorrer no Teatro Académico de Gil Vicente. Esta carta é um documento que sintetiza as principais preocupações desta associação, já reveladas em estudos preliminares sobre áreas particulares. Natércia Coimbra, membro da direcção, explica os objectivos da associação e as dificuldades que têm tido em fazer–se entender pela autraquia.



"A Câmara Municipal de Coimbra subestimou-nos"

Antes de mais, como e quando é que surge a Associação Cívica Pro Urbe?

Nasce formalmente a 26 de Janeiro de 1996, na sequência de várias reuniões informais que tínhamos tido. Era um grupo de pessoas que desde 94 ou 95 se reunia e achava que era necessário reflectir um pouco sobre a cidade. Propusemo–nos organizar um primeiro encontro a que chamámos precisamente "A Cidade do Futuro". Isto foi em Maio ou Junho de 95. Aí percebemos que havia um interesse muito grande em manifestar aquilo que cada um sentia que o incomodava, e que correspondia a um mal–estar por assistir quase impotente a uma certa decadência ou degradação. Sentiu–se a necessidade de reflectir um pouco acerca de que cidade é esta, o que é que estamos a fazer dela e que cidade vamos deixar aos nossos filhos, sobretudo ao nível da qualidade de vida urbana.

A partir deste primeiro debate público surgiram uma série de propostas no sentido de se criar uma associação cívica. Depois fizemos uma primeira assembleia constitucional, em que as pessoas escolheram o nome e os temas que seriam importantes, e finalmente se propuseram e aprovaram os estatutos, a 26 de Janeiro de 1996.

Os nossos estatutos são muito simples e informais, até porque nunca quisemos que eles fossem legalistas. Há duas ideias–chave: que a democracia só melhora e se aprofunda quando é participada e isto quer dizer participar activamente no estabelecimento das políticas que têm a ver com as nossas vidas. Isto porque, uns anos passados sobre a nossa transição democrática, é importante que os cidadãos não se sintam completamente alheados da transformação que podem eles próprios trazer às suas vidas, delegando sempre de uma forma quase irresponsável essa capacidade de decidir nos outros que elegemos e que ficam mandatados para nos decidir tudo, inclusivamente para nos transformar a cidade para o pior. É preciso criar nos cidadãos a consciência de que a obra da edificação das cidades pertence muito aos cidadãos, e não pode ser delegada permanentemente através do voto. Tem que ser complementada com uma atitude crítica e participativa de alertar para os problemas e encontrar soluções para eles e dialogar com as estruturas institucionais.

O poder autárquico tem que se habituar a viver em regime democrático

É preciso que as instituições dialoguem muito mais

Como é que a Pro Urbe se organiza internamente?

Os órgãos sociais são três, como em qualquer associação. Temos uma direcção, composta por cinco elementos, uma assembleia e um conselho fiscal. Mas sempre funcionámos de uma forma informal. Somos todos poucos para o que há a fazer.

Que apoios financeiros tem a associação?

Nós tivemos algumas realizações pré–congresso e conseguimos felizmente alguns pequenos apoios pontuais. Mas trata–se sobretudo de horas infinitas de trabalho voluntário dos nossos associados. Isto nunca poderia ser pago, porque foram longos dias e noites de trabalho desde há dois anos a esta parte. Mas também tivemos pequenos contributos financeiros.

A Câmara, por exemplo, também nos apoiou no primeiro workshop da arquitectura, a Universidade também nos apoiou, quer na organização do debate sobre a cultura, quer agora no próprio congresso, porque também nos atribuiu um subsídio financeiro pequeno, de 400 contos. Também tivemos mil contos da Câmara. Recebemos ainda apoios pontuais, por exemplo do INATEL, para o inquérito do desporto, e da delegação da cultura, para o encontro da cultura, também tivemos um subsídio de cerca de 500 contos. E agora, felizmente, conseguimos o patrocínio exclusivo do Montepio Geral para o Congresso, no valor de 3500 contos. E infelizmente não conseguimos mobilizar mais nenhum patrocinador da cidade, porque aos patrocinadores da cidade não interessa o tipo de propostas que são as da Pro Urbe.

Como é que surge a ideia, não só do Congresso, mas também deste estudo específico de cada um dos aspectos da vida urbana em Coimbra?

Surge porque quase desde o princípio o funcionamento da associação apontou esse caminho. Logo nas primeiras assembleias que fizemos, as pessoas levantaram questões que quase se podiam encaixar em classes ou ordens de problemas. Isto ao mesmo tempo que muita gente apontava o dedo a uma certa dificuldade em conversar com as instituições da cidade, isto é, uma dificuldade em fazer–se ouvir, quando tinham reivindicações ou apenas propostas a fazer. Trata–se de uma certa incapacidade de quem nos gere de ouvir as queixas, os lamentos, as propostas e mesmo opiniões tecnicamente abalizadas para poder participar numa discussão séria sobre alguns problemas que estávamos a viver.

A Pro Urbe sempre teve a sensação que as coisas em Coimbra muitas vezes surgem desconcertadas, umas coisas não fazem pensar nas outras. Não há um projecto integrado de gestão desta cidade. Essa é uma das principais preocupações da Pro Urbe.

Não causa uma certa quebra de ânimo a existência do distanciamento em relação à discussão que a Pro Urbe realiza e a ligação com a decisão que a própria Câmara Municipal de Coimbra depois irá tomar?

Nós felizmente temos ânimo, não há nada que nos faça parar, porque sabemos que isto é uma luta, e que é difícil. Até porque o que estamos a fazer é algo novo, somos uma associação pioneira no país. É verdade que tem sido muito difícil o diálogo com as instituições. Há sempre suspeições de todos os tipos sobre nós. Ora porque também queremos concorrer à Câmara, ora porque vamos ter candidatos próprios, ora porque somos contra–poder, ora porque somos destrutivos, ora porque não gostamos da cidade que temos, ora porque temos uma cultura de terrorismo... Pelo contrário. Nós temos é uma consciência muito plena de que o trabalho que estamos a fazer é pioneiro e duro.

Sentimo–nos desmotivados às vezes porque não sentimos eco e gostaríamos que nos entendessem, não como um grupo de gente que está sempre contra tudo, porque isto não é verdade. Agora, temos que ter cultura de exigência, e temos que lutar por ela porque é só assim que a democracia pode atingir outros níveis e a qualidade de vida na cidade pode ser outra.

Uma Carta Constitucional

O que é esta Carta Constitucional e qual o valor que ela vai ter?

Eu creio que ela vai ter um va-

bra é dramático"

lor simbólico. Isto que estamos a fazer não tem obviamente valor de lei. É um projecto de intenção que pode ser entendido como uma forma que os cidadãos de Coimbra têm para mostrar que querem ver reconhecidos alguns dos princípios pelos quais têm lutado e que lhes parece importante ver defendidos na cidade. É uma carta de intenções que nós pomos à disposição dos nossos concidadãos e que gostaríamos muito de ver partilhada, por exemplo, com o poder autárquico como sintoma do que seria governar so encontro dos desejos dos cidadãos de Coimbra. E acho que isto é muito importante, porque governar de acordo com a vontade da população é o que de mais importante deve haver para um líder político ou para um governante. O que pretendemos é fazer um inventário e depois consignar aquilo que entendemos como os princípios básicos da boa governação de Coimbra e da boa qualidade de vida.

Achámos que era importante pôr as pessoas a debater as questões e surgiu depois a ideia de que isso podia ser consignado num documento. Assim, a Carta Constitucional é algo simbólico mas que será um documento de síntese do que são as preocupações dos cidadãos de Coimbra hoje, em 2001.

As acusações da Câmara

Já por várias vezes a Pro Urbe foi acusada, nomeadamente pela Câmara Municipal, de se estar a envolver politicamente. Esta é uma via que a Pro Urbe põe no seu horizonte, isto é, a associação pode vir a politizar–se no futuro?

De forma nenhuma. Eu justifico essa acusação de que temos vindo a ser objecto com a incapacidade ou dificuldade que esta autarquia, mas não só esta, tem em entender os movimentos cívicos. O mal é que durante muito tempo os líderes conviveram sozinhos e as pessoas não manifestaram esta vontade de intervir, e é natural que num primeiro momento em que surgem vontades organizadas de participar e de intervir haja uma reacção por parte de quem está habituado a não ter que prestar grandes contas, a não ser anualmente ou nos momentos das eleições. Eu acho que isto também é uma questão de pedagogia, e que os poderes vão entender que não precisam de ter suspeições sobre a Pro Urbe, que não tem intenções absolutamente nenhumas de se partidarizar. Há pessoas que têm partido na Pro Urbe e que são militantes de partidos políticos e outros que não o são. Mas isso não é o que nos une; o que nos une é a vontade de identificar os problemas e aquilo que mais nos incomoda, e saber porque é que as coisas não funcionam quando se calhar até tinham hipóteses de funcionar.

A ideia que muitas vezes vem à baila nas nossas reuniões é como é que nós nos podemso fazer ouvir, como é que é possível que nós, que não temos competências específicas, percebamos e o bom senso nos leve a ver que o que está a ser feito não está bem feito, e como é que os responsáveis não vêem isso? Como é que as pessoas podem ser felizes nas urbanizações que estão a ser criadas sem espaço entre as casas, sem árvores, sem jardins para passear os cães ou as crianças, sem hipóteses de os transportes colectivos chegarem a estas urbanizações. Veja–se o exemplo destas urbanizações em frente ao Hospital da Universidade, em que a volumetria final não tem nada a ver com aquela que foi aprovada no projecto. Ninguém nos dá explicações de porque é que crescem duas torres laterais num sítio onde não estavam previstas. Quem é que beneficia com isto? Isto preocupa–nos muito.

São também questões de ética e a Pro Urbe preocupa–se com repor os princípios e encontrar novas formas de convívio entre quem governa e quem é gerido e acabarmos com as suspeições de quem quer ou não quer ser poder. O problema já não está aí; está em salvar ou não a cidade. Cremos que o atraso estrutural de Coimbra é dramático. Basta olhar para as cidades que nos estão próximas e ver–se qual foi o desenvolvimento destas cidades em relação a Coimbra. A modernização dessas cidades é preocupante em relação a Coimbra. Nós continuamos sem infraestruturas para realizar um bom concerto. Continuamos dependentes, por mais que a Câmara não queira assumir, da Universidade. E é preciso que estas instituições dialoguem muito mais. Temos procurado sempre pôr estas instâncias a dialogar, porque são as duas grandes instituições da cidade, e isto é absolutamente essencial. A cidade tem estado a viver das poucas instituições que a universidade criou. O único teatro que neste momento existe em Coimbra é universitário, e nós assistimos impávidos à destruição de cinco salas de espectáculos em poucos anos, sem uma queixa, sem um lamento, e isto dói à Pro Urbe. Nós temos muito menos qualidade de vida que o que tínhamos há dez anos atrás. E isto passa também pela forma como nós nos vamos resignando a perder qualidade e a perder infraestruturas e a não ganhar novas, e a não ser capazes de elevar os nossos padrões de exigência.

Bruno Ferrara

"Não há um projecto integrado de gestão desta cidade"

A Pro Urbe
não tem intenções nenhumas
de se partidarizar

Assumimos a nossa posição
de contra-poder

Como é que analisou a reacção da vereadora da cultura da Câmara Municipal, Teresa Alegre Portugal, em relação ao ciclo de conferências sobre a cultura?

Acho que aí, mais uma vez, a Pro Urbe foi injustiçada. Não posso dizer outra coisa. A Sra. vereadora é uma pessoa por quem eu tenho o maior respeito, e é uma pessoa extraordinariamente culta e com capacidades, e de quem sou amiga. Acho que foi um mal–entendido que se gerou porque a partir de certa altura, num debate que ia no sentido de proporcionar discussões e contributos para a identificação dos problemas e encontrar algumas soluções, a Câmara não participou como nós lhe pedimos para participar, porque atempadamente lhe foi comunicado o relatório. Creio que porque a Câmara interiorizou essa vitimização que é errada, porque não é assim que se pode coexistir com estruturas que estão a nascer e às quais tem que se habituar. E as associações cívicas estão aí, e são fortes e vão fortalecer–se ainda mais, e o poder autárquico tem que se habituar a conviver com as instituições cívicas sem essa permanente suspeição que continua a querer utilizar. Não pode, tem que se habituar a viver em regime democrático, porque é para o bem de todos que a democracia seja partilhada e participada. Não tem razão, quanto a mim, a Dra. Teresa, que já entrou no debate numa posição de vítima. Ela chegou ao debate e disse: "venho aqui para levar pancada". Mas como é que podia ir ali para levar pancada, se tinha sido convidada e tinha recebido três meses antes o relatório? Ela sabia o que é que ia estar em causa. Eu creio, e estou a dizê–lo pela primeira vez, que nos subestimaram. A partir de certa altura assumimos a nossa posição de contra–poder e fizêmo–lo com os nossos meios, e eu creio que a determinado momento aperceberam–se de que o trabalho que estava a ser feito por alguns grupos de trabalho era muito meritório e profundo e poderia trazer a Coimbra gente que viria valorizar esse trabalho, que foi o que aconteceu. E reagiram muito mal à valorização do nosso trabalho por parte de alguns protagonistas de reconhecido mérito nacional. Entenderam isso mal e a forma de reacção foi uma reacção mais uma vez como é seu hábito: é armar em vítima, como se a Pro Urbe tivesse cometido alguma indelizadeza ou alguma traição. E é isso que nós não podemos aceitar.

Creio que houve uma avaliação pela negativa da nossa capacidade de trabalho, e depois, quando confrontados com o trabalho no terreno, não foram capazes de entender isto de uma forma democrática. Acho que o que aconteceu foi mais uma vez um ataque à Pro Urbe e da pior forma possível, porque é aquela que não abre portas para qualquer diálogo nem para receber os contributos que nós, de boa fé, queremos dar à nossa cidade. Porque é isso que nos motiva, é a nossa cidade e não o poder autárquico. O poder muda. O que nos interessa é o que é que vai perdurar da nossa cidade e como é que podemos ajudar a valorizar o património que temos.

Cecília Santos

A Pro Urbe analisa Coimbra ponto a ponto

Radiografia de uma cidade

A associação cívica Pro Urbe realizou um estudo pormenorizado sobre cada um dos aspectos essenciais da vida urbana em Coimbra. Aqui fica um pequeno resumo daquilo que cada um dos grupos de trabalho destaca na sua área de estudo específico. Todos os temas e as conclusões obtidas serão debatidos no congresso "Pela Cidade. Uma Carta Constitucional para Coimbra", um evento que promete agitar as entidades institucionais em geral e a Câmara Municipal de Coimbra em particular.

Cultura

Coimbra cultura - um olhar para crescer

A Pro Urbe promoveu nos dias 19 e 20 de Janeiro o debate "Coimbra cultura - um olhar para crescer". Neste colóquio foram descortinados os problemas inerentes à cidade de Coimbra e traçados os novos caminhos na tentativa de mostrar um novo horizonte cultural à urbe.

Neste sentido, o grupo da cultura e turismo apresentou no debate um conjunto de problemas que afectam negativamente a cidade, tanto a nível de criação como de difusão cultural. A fim de conseguir uma análise (e posteriormente, um relatório final incluído no derradeiro dossier) mais fidedigno, o grupo cultural procedeu à realização de entrevistas e inquéritos junto às instituições promotoras da cultura em Coimbra, mas os resultados não foram os mais animadores e promissores para a cidade.

No campo da música é necessária a construção de um novo Conservatório de forma a superar o hiato que existe entre a "oferta" e a "procura". A construção de novos e melhores espaços para a realização de eventos musicais revela–se também premente.

Na área do teatro são também apontadas algumas carências. Nas palavras do coordenador, João Gouveia Monteiro, urge a construção de um Teatro Municipal, para que a escolha não se resuma ao Teatro Académico de Gil Vicente (que apesar de receber uma verba anual da Câmara Municipal de Coimbra, é financiado em grande parte pela Universidade de Coimbra).

O sector do turismo caminha de mãos dadas com os grupos já citados. Segundo a Pro Urbe é premente a construção do Palácio dos Congressos. É claramente necessária a valorização e o reconhecimento do património arquitectónico e artístico de Coimbra, do qual fluiriam frutos profícuos à urbe.

No sector do cinema seria gratificante a criação de uma sala alternativa de cinema, à imagem de Lisboa e Porto, a fim de possibilitar um leque de escolhas mais abrangente ao público.

No que se refere às estruturas académicas é obvia a falta de espaço e condições para a criação e promoção cultural. Neste seguimento a Pro Urbe propõe a remodelação completa do edifício, assim como uma participação ainda mais activa por parte do Pelouro da Cultura da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC).

O coordenador do grupo cultural refere que apesar dos entraves existentes, não há por parte das instituições responsáveis por esta área, a AAC, a Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Coimbra (CMC), entre outros, uma maior cooperação em termos de política cultural da cidade. Em relação à CMC, João Gouveia Monteiro volta a frisar que esta, depois de segunda interpelação, ainda não respondeu. No seu entender são estabelecidas outras prioridades não menos válidas, mas talvez não tão urgentes, como a construção de equipamentos onde reside uma certa impotência. Apresenta também como causa do orçamento ridiculamente baixo atribuído à cultura, o facto de não existir um lobby de Coimbra no Governo, pois a cultura não dá votos.

Considera excelente e sensata a escolha do comissário para a "Capital Nacional da Cultura- Coimbra 2002", o ex–director do TAGV, Abílio Hernandez. Acrescenta que a cultura em Coimbra não se poderá esgotar neste evento, que se prolongará por 2003, mas que deve ser uma marca e mais–valia para esta cidade, da qual espera um aproveitamento e a oportunidade para superar algumas carências estruturais, como as anteriormente citadas.

Helena Marques

nuno curado

Saúde

Coimbra, cidade da saúde?

A existência de uma pessoa que não é nem médica, nem enfermeira nem auxiliar da acção médica e que está a decidir sobre questões, cuja razão de ser está no acto médico ou de enfermagem é, pelas palavras de António Marinho, coordenador do grupo de trabalho da saúde, uma das questões que se procuram ver resolvidas.

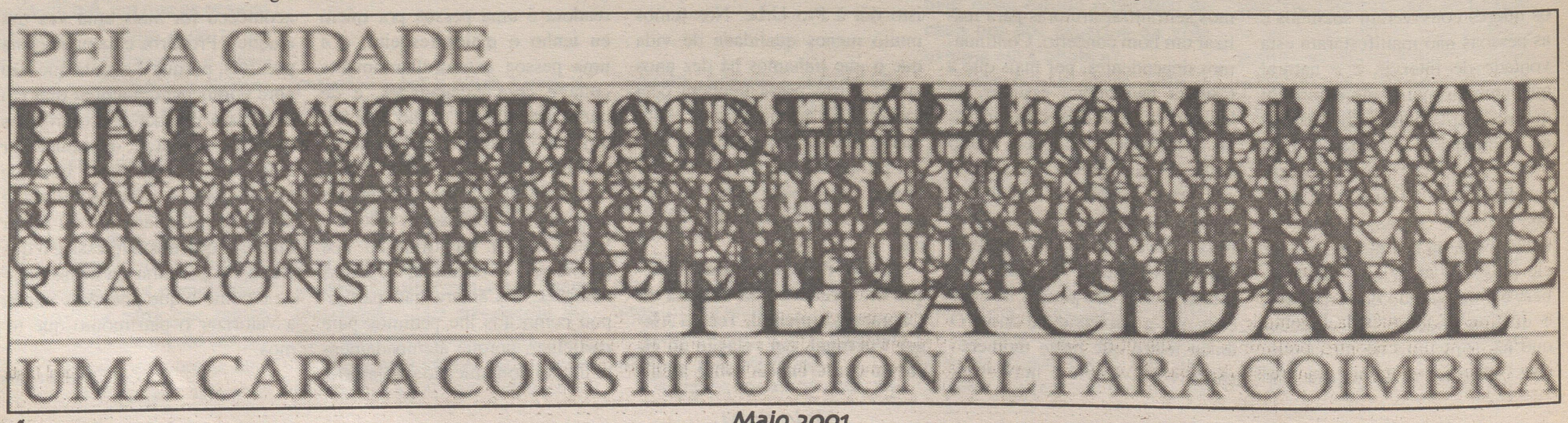
A burocratização foi, juntamente com a qualidade do sistema nacional de saúde, o acesso a esta e os recursos existentes, um dos problemas abordados num debate realizado no dia 7 de Abril no Instituto Português da Juventude no dia 7 de Abril, e que ficou marcado pela pouca afluência de pessoas, na cidade a que se chama "capital da saúde".

Se na teoria temos um acesso gratuito à saúde, na prática este é difícil, porque os serviços públicos não conseguem dar resposta ou porque não as dão convenientemente.

Segundo este cardiologista, o defeito não é do sistema nacional de saúde, mas da sua aplicabilidade prática numa população que é difícil e que não entende, muitas vezes, actos médicos de qualidade.

A acrescentar a estes aspectos há ainda o claro desfavorecimento em termos financerios da região centro, quando comparada com Lisboa e Porto.

Raquel Costa



Qualidade do espaço Urbano

Urbanidade tradicional de Coimbra está decadente

A abordagem da qualidade do espaço citadino foi um dos temas propostos e estudados pelo grupo de trabalho da qualidade do espaço urbano, coordenado pelo arquitecto José António Bandeirinha. Neste aspecto específico a aposta centrou–se na realização de um workshop de desenho urbano, realizado em Novembro de 2000.

Neste evento, dirigido pelo arquitecto Alexandre Alves Costa, adoptou–se como estratégia de trabalho a delimitação de uma coroa periférica em torno da urbe que, excluída a zona da Portela, já dinamizada pela construção em curso do Pólo II da Universidade de Coimbra, foi segmentada em seis áreas: Boavista/ Ponte Europa/ Lages; espaço "entre pontes" e Guarda Inglesa; Estação Velha/ Choupal/ Campo do Bolão; Coselhas; Tovim e Malheiros (frente nascente); Alto de S. João e início da Estrada da Beira.

A adopção de um tal esquema nasceu depois de se ter considerado que o principal problema de Coimbra não se encontra no seu centro (bem consolidado, a precisar apenas de algum bom–senso na sua utilização), mas sim nas "franjas" que a circundam (Miranda do Corvo, Condeixa, Cernache...), vítimas recentes de um "metropolitanismo provinciano", a que se deve a implementação de uma estética de suburbanidade.

Acresce que não se ganhou uma urbanidade europeia - que vergou perante uma cultura citadina descaracterizada -, pelo que a dinamização deste cordão de tecido urbanístico em torno de Coimbra, traduzida numa planificação e enriquecimento se oferece como a melhor opção para reestruturar a força polarizadora do seu núcleo central e também para permitir um crescimento saudável e sustentado das suas cercanias.

Luís Cabral de Oliveira

Ambiente e espaços verdes

Souselas atrasa trabalhos

"O Verde e o Cinzento: para uma qualificação do ambiente urbano" é o título de uma sessão temática, promovida pelo grupo encarregado da análise do ambiente e espaços verdes em Coimbra, que terá lugar já na próxima Quinta–feira, dia 10 de Maio. Trata–se de um título marcadamente provocatório que visa alertar para que o cinzento, cor com generalizada conotação negativa neste âmbito, se prende com uma realidade indissociável à vivência citadina.

Contudo, e ao contrário do inicialmente planificado, os projectos de trabalho deste núcleo coordenado pelo arquitecto Luís de Sousa ficaram bastante aquém do que se esperava, situação que se deveu, segundo este, ao crescendo da controvérsia gerada em torno da co–incineração em Souselas, que se tornou num foco captador de toda a disponibilidade existente no momento.

Assim, e porque as actividades foram reatadas apenas em Janeiro último, uma das funções deste encontro consistirá no retomar da obra entretanto suspensa. Intervirão personalidades de reconhecido mérito e de diversos quadrantes, como o Reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Rebelo, na sua qualidade de geógrafo, assim como o biólogo Jorge Paiva e o arquitecto Manuel Fernandes de Sá.

Os temas dominantes versarão os factores físicos (solos, água e qualidade do ar), os espaços verdes, quer os artificiais, quer as grandes manchas arbóreas localizadas por toda a cidade, e ainda os micro–equipamentos, que associam conceitos de design urbano ao conforto. Entre os participantes encontrar–se–ão representantes das mais significativas instituições, designadamente políticas, de Coimbra.

Luís Cabral de Oliveira

Educação

Coimbra é uma lição?

O Grupo da Educação teve por coordenadora, no seu início, a Engenheira Zita Henriques, ex–presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, que acabou por ter de abandonar estas funções por questões profissionais, há cerca de um ano e meio. Foi aí que Mónica Pimentel, licenciada em Sociologia, assumiu o papel de dinamizadora do grupo, que é constituído por pessoas da cidade de Coimbra ligadas ao ensino secundário, ensino especial e à assistência social, entre outras áreas.

O debate da Pro Urbe que discutiu a educação em Coimbra teve lugar nos dias 20 e 21 de Abril, no Instituto Português da Juventude. No encontro foram debatidos os seguintes temas: a formação profissional e pós–profissional, equipamento e condições educativas, articulação entre os vários níveis de ensino, escola inclusiva e exclusógena, ensino superior, a intervenção dos vários actores educativos na escola e as comunidades e agentes culturais e desportivos, com convidados especializados nos temas tratados em cada painel. De realçar a ausência dos representantes da Câmara Municipal de Coimbra e da Direcção Regional de Educação do Centro, que declinaram o convite feito pela Pro Urbe para assistirem ao debate, tendo alegado para tal motivos profissionais.

Até agora, os responsáveis por este grupo de trabalho não tiveram ainda oportunidade para chegar a conclusões sobre os temas tratados no encontro. Porém, o grupo conta reunir–se em breve para tirar estas e elaborar o documento que servirá de base à discussão sobre a educação no Congresso, nos dias 25 e 26 de Maio.

Cecília Santos

Desporto

A urgência de uma nova política desportiva

O grupo de trabalho do desporto, coordenado pelo jornalista João Mesquita, efectuou estudos que dão conta de uma situação bastante débil no que diz respeito a uma área considerada essencial na orgânica das cidades.

Existe uma grande lacuna, nomeadamente, nas infraestruturas desportivas, que se considera não terem acompanhado as exigências de uma nova realidade. Esta refere–se não só ao crescimento do número de habitantes e da própria dimensão da cidade, mas também ao interesse em novas modalidades.Face a estas mudanças, o processo de reestruturação desportiva passa não só por melhorar as condições da alta competição, mas também por dar acesso ao cidadão comum a todo um conjunto de possibilidades para a prática desportiva. Neste aspecto, os inquéritos realizados consideram estas possibilidades francamente insuficientes.

Se há trinta anos atrás Coimbra se encontrava numa posição de vanguarda, pode dizer–se que agora se encontra na retaguarda, dado a um ritmo quase estagnado em termos de criação de novos espaços desportivos. Assim, este grupo de trabalho denunciou, no debate intitulado "Pensar o Desporto em Coimbra" realizado no último fim de semana, a necessidade de um salto quantitativo e qualitativo tendo sempre em conta as novas exigências, abrangendo do mesmo modo todas as vertentes desportivas, desde a competição ao desporto escolar e ao lazer.

Uma nova política desportiva passa por uma nova estratégia de desenvolvimento, para a qual se tornou fundamental este estudo. Numa perspectiva optimista deve então inverter–se a situação actual, até porque esta debilidade, segundo João Mesquita, pode de alguma forma justificar os fracos resultados obtidos nas várias modalidades.

Susana Sampaio Dias

Economia, emprego e exclusão social

Que modelo de desenvolvimento económico e social para Coimbra?

Qual o modelo de desenvolvimento económico da cidade de Coimbra e quais as realidades da cidade em termos de emprego e de exclusão social são os pontos–chave que o grupo de trabalho dedicado à economia, emprego e exclusão social ambiciona ver debatidos no dia 5 de Maio, no Instituto Português da Juventude.

Este será um encontro preliminar que discutirá esta área específica antes do Congresso dos dias 25 e 26 do mesmo mês. Para este efeito, o grupo, coordenado pelo economista Manuel Reis da Fonseca, elaborou em meados de Fevereiro um inquérito entregue a 13 instituições da cidade. Apenas duas responderam.

O inquérito tinha por objectivo ajudar a responder a questões como quais os sectores económicos que deveriam ser estratégicos na cidade e se Coimbra é ou não discriminada em termos de investimento público. Também tentava esclarecer as razões pelas quais não existe um pólo industrial dinâmico na cidade e porque é que tantas empresas têm declarado falência. Todas estas questões serão discutidas no debate que se realizará a 5 de Maio, e mais tarde no congresso que abordará os temas tratados por todos os grupos de trabalho da associação.

Raquel Costa

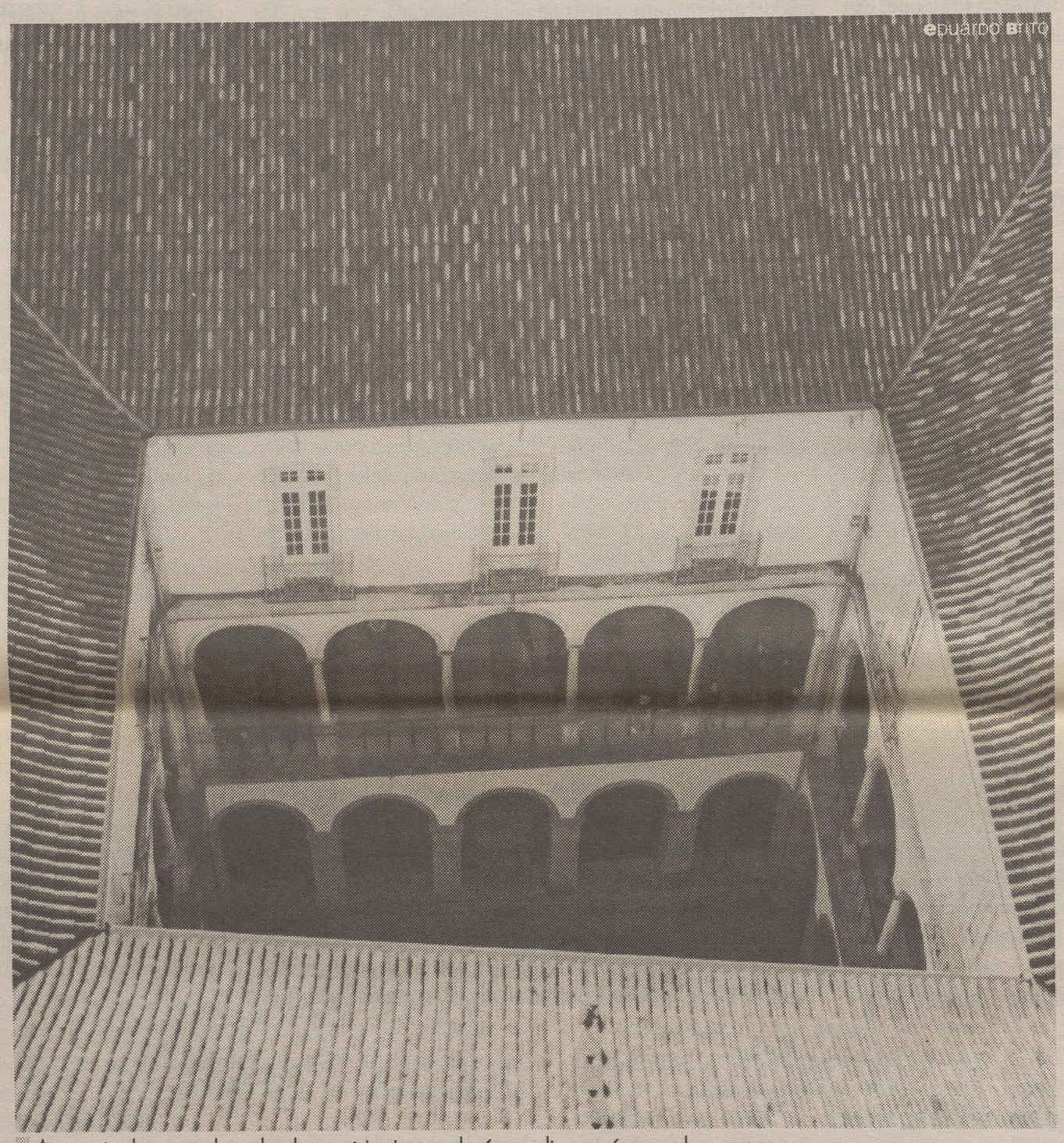
Assistentes da Faculdade de Direito equacionam greve aos exames

Direito parado?

Os assistentes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra poderão entrar em greve de zelo. Em causa estão as alterações ao Estatuto da Carreira Docente e a impossibilidade de contratação de novos assistentes estagiários e monitores, imposta pelo Senado da Universidade de Coimbra.

Uma greve de zelo nas tarefas de correcção das provas escritas poderá ser a deliberação de uma reunião plenária de assistentes, assistentes estagiários e monitores da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) a realizar na próxima Quarta-Feira, dia 9 de Maio. Segundo a ordem de trabalhos da referida reuinão, estarão em discussão quer o anteprojecto do Estatuto da Carreira Docente, quer a actual impossibilidade de contratação de novos assistentes estagiários e monitores.

De acordo com as palavras de Paulo Henriques, assistente da FDUC, uma greve poderá ser a "única resposta adequada à gravidade da situação", que se traduz num descontentamento generalizado quanto ao conteúdo e prazos de discussão pública do anteprojecto de revisão dos estatutos da carreira docente e impossibilidade de contratação de novos assistentes estagiários e monitores. A hipotética greve de zelo implicará o "escrupuloso cumprimento do horário semanal de trabalho e a não realização de qualquer hora extraordinária". Assim, o protesto dos assistentes resultaria num atraso na publicação dos resultados da segunda época de frequências e exames, uma vez que "em média, cada docente tem 250 provas para corrigir e se o fizer sem recurso a horas extraordinárias não é difícil de prever que estas não estejam corrigidas antes de Agosto". Porém, o assistente afirma que é prematuro afirmar que a greve será declarada, pois a generalidade dos docentes da Faculdade de Direito raramente adere a greves: "Nos últimos 15 anos só por uma vez a adesão foi significativa, contra a política da Ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite". Precisamente por causa do Estatuto da Carreira Docente. Pedro Gonçalves, também assistente da FDUC, é mais duro e afirma mesmo que vai defender seriamente a hipótese de greve, na reunião do próximo dia 9: "a minha proposta é a de uma greve a sério. Não para adiarmos trabalho, não fazendo exames hoje e fazendo–os amanhã, mas sim uma greve aos exames de uma época: em Julho não haverá exames".



A eventual greve de zelo dos assistentes poderá paralisar a época de exames

O Estatuto dos docentes

No centro da questão gravitam dois problemas. O Anteprojecto do Estatuto da Carreira Docente é o primeiro ponto de descontentamento dos assistentes da FDUC. Paulo Henriques sintetiza as críticas de alguns elementos deste corpo docente. A respeito do procedimento, "as instituições de ensino superior, os investigadores e os docentes não tiveram qualquer oportunidade de se pronunciar quanto ao modelo, princípios e estratégias para o Ensino Superior". Para além disso, acusa os diversos anteprojectos de quase só se preocuparem com a poupança de despesas. Exemplos não faltam: "Acabam os assistentes estagiários, mas são substituídos, em termos práticos, pelos monitores, sendo que estes serão pagos à hora". Daqui decorre o aumento da precaridade do vínculo contratual, uma vez que o contrato a prazo dos monitores é de um ano, susceptível de duas renovações por dois anos, num total de cinco anos.

Pedro Gonçalves sustenta que este diploma "é degradante para a carreira universitária. Há um erro de base que é o de se partir do princípio que os professores universitários, pelo menos ao nível do direito, não estão a cumprir as suas obrigações dentro da universidade, o que é completamente falso". O assistente afirma ainda que este anteprojecto "é uma péssima peça do ponto de vista de política para os professores, particularmente para direito. É desincentivador para alguém pensar em ser assistente".

Contudo, o maior ponto de discórdia parece ser a supressão do artigo 27º do Estatuto vigente desde 1979, que preconiza que os assistentes "têm direito a ser dispensados das actividades docentes (...), a fim de prepararem os respectivos doutoramentos". Com o fim desta dispensa, Pedro Gonçalves entende que se trata de "um aspecto chocante deste diploma, uma vez que o assistente deixa de estar em regime de exclusividade, passando apenas a poder estar em tempo integral, o que lhe reduz o vencimento em cerca de um terço". Nas palavras do docente de direito administrativo, esta supressão "traduz o grande objectivo do diploma que é diminuir os custos da carreira universitária para o Estado e tal não sucede em mais nenhum ramo da Administração Pública em Portugal".

Em relação às provas de doutoramento, Paulo Henriques crê que este anteprojecto vem dificultar a atribuição do grau de doutor, uma vez que o júri das provas terá de ser composto por três doutores no domínio científico: "mesmo nas Faculdades de Direito de Coimbra e de Lisboa, que representam cerca de 66% dos doutores portugueses, ainda não é possível cumprir esse requisito em diversas áreas e domínios científicos".

Sobre este documento, Jorge de Figueiredo Dias, presidente do Conselho Científico da FDUC, afirma discordar "dos princípios que subjazem à forma do Anteprojecto". Contudo, o penalista prefere não se alongar em comentários, antes de o discutir em lugar próprio.

Fim das contratações

O segundo ponto de trabalhos da futura reunião dos assistentes versará sobre a impossibilidade, por determinação interna da Universidade de Coimbra, da contratação de novos assistentes estagiários e monitores. Em termos práticos, trata–se da impossibilidade de solucionar o problema da falta de assistentes por cadeira. Paulo Henriques dá um exemplo demonstrativo: "as notas da primeira frequência da cadeira de Economia e Finanças Públicas apenas foram publicadas na semana passada, sendo que a prova foi realizada a 1 de Fevereiro. E deixa ainda um alerta:" se não houver novas contratações, será virtualmente impossível concluir em 31 de Julho as épocas normais de frequências e exames".

Paulo Henriques defende que a FDUC estendeu até ao máximo o seu grau de colaboração e solidariedade universitária: "A Faculdade de Direito abdica todos os anos de uma fatia significativa das verbas que lhe cabem por aplicação das fórmulas orçamentais, em benefício de outras unidades orgânicas da Universidade de Coimbra". A FDUC, de acordo com as fórmulas em vigor, deveria ter no corrente ano lectivo cerca de 118 docentes. Contudo, apenas tem 100, o que lhe daria margem para mais contratações, não fosse a existência daquilo que Paulo Henriques considera ser um " sacrifício injustificado do corpo docente e discente da Faculdade de Direito, devido à existência de um tecto internamente fixado, o que a impede de finalizar ou concretizar contratações".

Eduardo Brito
Bruno Ferreira

Conteúdos restringidos na rede interna da Internet na Universidade de Coimbra

Censura ou prioridade?

Há cerca de um mês que a internet utilizada gratuitamente através dos terminais existentes na Universidade de Coimbra tem sofrido uma filtragem de conteúdos. Esta medida tem provocado polémica entre os estudantes, levando–os a reflectir sobre a utilização da internet.

A partir do mês passado deixou de ser possível aceder a sites de conteúdo pornográfico

O Centro de Informática da Universidade de Coimbra (CIUC), instituição que gere a rede informática da universidade seguindo directrizes da Reitoria, instalou, há cerca de um mês, um software que tem por objectivo "filtrar" as páginas de internet ditas "não produtivas". A polémica surge do facto da filtragem abranger não só o acesso a páginas pornográficas/eróticas e "downloads" de ficheiros de música (MP3), mas também de deixar inacessíveis páginas de fotografia artística/erótica e de diversos jornais desportivos diários, por muitos também considerados "não produtivos".

Acedendo ao site websense.com, A CABRA foi tentar mergulhar num conceito mais concreto. Apresenta–se então como um software que permite às empresas monitorizar e gerir o acesso dos funcionários à internet. O software da empresa filtra os websites não produtivos, vedando o acesso a determinadas páginas através de uma análise do seu conteúdo, maximizando assim o acesso a informação relacionada com o trabalho. Foi criado em 1994 e actualmente serve 8500 empresas em todo o mundo.

Para experimentar a acção do websense, A CABRA foi tentar aceder a diversos sites, entre os quais dos jornais desportivos e sites pornográficos. Quanto aos primeiros são acessíveis, mas o mesmo já não acontece com os segundos. Depois de colocado o endereço da página pretendida surge então o referido www.uc.pt/ciuc/websense, com uma explicação para o facto de o conteúdo pretendido não aparecer, assim como a possibilidade de se fazerem "downloads" de ficheiros MP3 unicamente das 3h às 9h nos dias de semana, e aos Sábados e Domingos sem qualquer restrição. Surge ainda no mesmo site com contornos de justificação, uma referência ao artº 1º dos Estatutos da UC, que "identifica como sua missão a criação, transmissão crítica e difusão da cultura, ciência e tecnologia". As excepções às restrições dos sites são também permitidas desde que, com um documento comprovativo, se demonstre que o acesso aos sites "se destina a fins relacionados com a actividade da UC". Para tal poderá contactar–se o CIUC através do endereço helpdesk@ci.uc.pt.

Recursos limitados

A CABRA falou com Pedro Bizarro, assistente–estagiário do Departamento de Engenharia Informática: "Pode parecer que a internet é gratuita para todos mas não é. A Universidade de Coimbra precisa de alugar uma linha à Portugal Telecom, cuja largura de banda não estava a ter uma utilização proveitosa", frisa. Muitos estudantes de mestrado e doutoramento não conseguiam ter um trabalho satisfatório. O assistente Pedro Bizarro disse que se poderia aumentar a largura de banda, "mas como os recursos são limitados e a UC não é rica, a ideia base que surgiu foi limitar o acesso a determinados sites". Deste modo proporciona–se um melhor acesso a sites de pesquisa. Segundo o mesmo, "os critérios de filtragem foram decididos pelas próprias pessoas que necessitavam de ter acesso a sites para os seus trabalhos académicos".

Segundo o engenheiro Mário Bernardes, acessor de informática no CIUC e responsável técnico da rede da UC e da gestão do websense, este é um software que permite "o acesso a determinadas páginas e a outras não, tudo isto em horas pré–estabelecidas. Não se pode falar de censura, já que o que o CIUC faz, como responsável por um maior grau de satisfação possível dessa largura de banda, é estabelecer prioridades".

A Universidade de Coimbra está ligada à Internet através de uma linha que se encontra sempre esgotada. Qualquer pessoa da universidade que tente aceder através dela encontrará inúmeras dificuldades. Um conjunto de medidas foram accionadas há cerca de um ano, com vista a facilitar as condições de acesso aos utilizadores. Uma delas consistiu em saber que tipo de páginas são acedidas pela Universidade no seu conjunto. Deste modo, os ficheiros de MP3 e os sites de índole erótica ou pornográfica são de difícil acesso, pois não são considerados sites prioritários. O responsável do CIUC diz que "o objectivo é unicamente o de não sobrecarregar a linha".

O gestor da rede informática do Centro de Informática da AAC, João Seabra, contactado também pela CABRA, referiu que o incomodava o facto de a filtragem não estar a ser perfeita, "até porque existem conteúdos que não estão a ser convenientemente filtrados", refere. A título pessoal considera ainda ser um tema controverso. João Seabra adianta ainda: "Não sou a favor de censurar conteúdos, mas o facto de ser material pornográfico não me incomoda, especialmente devido à largura de banda necessária para os trabalhos normais. O que é um facto é que já precisei de utilizar computadores no meu departamento para trabalhos ditos normais e não consegui".

O presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, Humberto Martins, ao ser contactado pela CABRA, disse que compreendia o sentido prático e as prioridades, mas este sistema não deixa de ser limitativo da liberdade e não é de bom tom existir uma filtragem em relação aos acessos à net. "Em princípio é mau haver esta limitação porque o mundo da internet nos traz a possibilidade de sermos autodidactas", salienta.

Tão perto e... tão longe do mundo

A CABRA foi falar com alguns estudantes que estavam na sala do Centro de Informática da Associação Académica de Coimbra. O silêncio da sala onde cerca de dez pessoas estavam atrás dos ecrãs, era complementado com o som dos "teclares solitários" e os ratos que "sofriam em zig–zag nos tapetes". Ricardo Fonseca, aluno de engenharia informática no Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, considera péssimo que se esteja a proceder desta forma. Diz que o critério de restrição não tem sentido e é estranho, mas que não tem contornos de censura. Em relação à largura de banda e ao seu descongestionamento, diz este estudante não ter nenhum fundamento: "A largura de banda pode ser fragmentada, o que permite, por exemplo, às pessoas que estão a fazer mestrados e doutoramentos, terem maior espaço para trabalhar se a largura de banda for canalizada nesse sentido". Existe um protocolo com a Universidade, que permite aos estudantes ter acesso à internet a partir de suas casas por um preço mais acessível, ou seja, a Rede de Comunicação para Universitários . "O que é injusto é os estudantes estarem a pagar do seu bolso à Portugal Telecom e esses sites serem também filtrados. Não tem nexo", diz Ricardo Fonseca.

Segundo o mesmo estudante, a página explicativa da existência do websense só apareceu depois da polémica despoletada pelo artigo do Expresso com honras de primeira página.

Este estudante considera até proveitosa uma pequena descontracção no acesso a sites com uma índole mais lúdica, sem estar a fazer juízos de valor quanto ao seu conteúdo.

Paulo Alexandre, estudante também presente na sala de informática, considera que os critérios de restrição são um pouco estranhos. "Tenho tentado por vezes ter acesso a outros sites que não pornográficos/eróticos e têm–me sido negados", diz. Considera que "os critérios são um pouco arbitrários, até porque o que o CIUC tem em conta são as páginas mais visitadas, podendo este cair assim numa espiral de restrições que não interessam a ninguém", referencia. Nem mesmo aos estudantes...

Manuel Rodrigues
Sandra Santiago
Sofia Lavrador

Alunos de arquitectura decidem barricar–se como forma de protesto

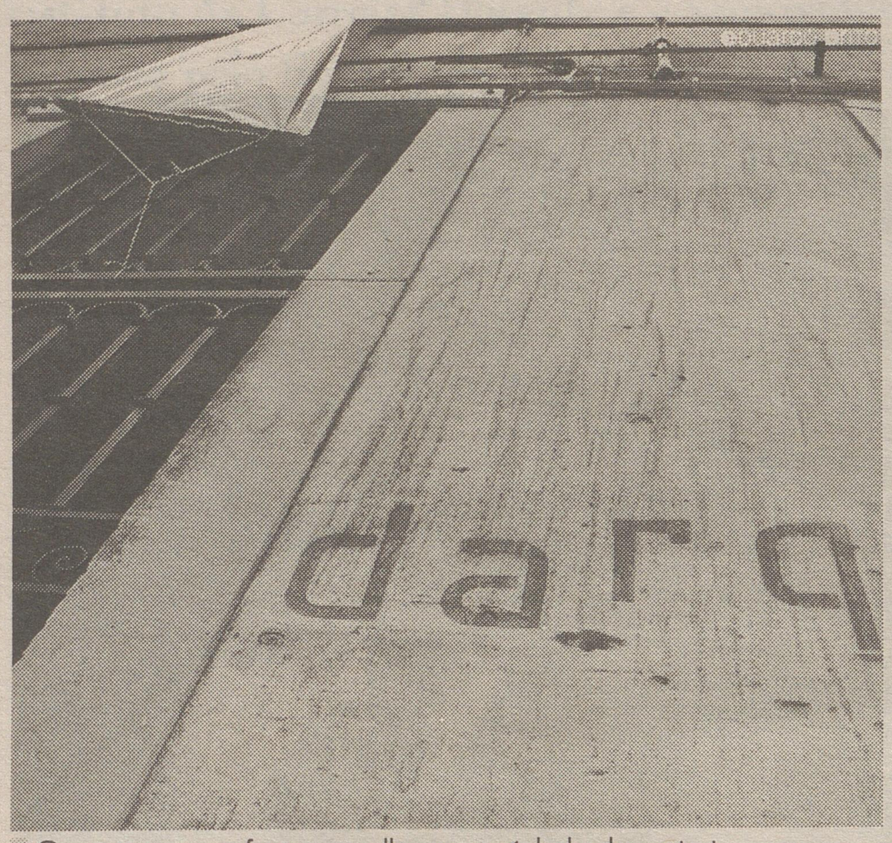
A arte da barricada

Os alunos de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra barricaram–se durante 24 horas de 26 para 27 de Abril, para assim darem a conhecer as degradadas condições em que estudam.

Foi ao som das badaladas de um sino que os alunos de arquitectura se reuniram e dirigiram aos portões do seu departamento, por volta das 11h da manhã, altura em que os encerraram com correntes, deixando cair sobre eles uma faixa vermelha. Mas desta vez, os alunos decidiram ficar do lado de dentro...

Começava, assim, uma forma diferente de protesto: a barricada. Os alunos de arquitectura decidiram barricar–se durante 24 horas no interior do seu departamento (DARQ), como forma de protesto devido à falta de condições e à precaridade do edifício. "Estamos aqui barricados para sensibilizar e para obter, por parte da reitoria, uma resposta urgente em relação ao estado de degradação em que se encontra este departamento", declara Rui Mendes, membro do Núcleo de Estudantes de Arquitectura (NUDA), pouco depois do encerramento dos portões.

Circulando pelo claustro a degradação é notória. Parte do telhado já caiu e o resto ameaça ruir. Os alunos reivindicam, acima de tudo, a reparação do espaço existente, a necessidade de mais espaço e também de equipamento.



Correntes e uma faixa vermelha como símbolo de protesto

Ao que parece, e na opinião dos alunos, sair à rua e fazer "barulho", não tem sido uma forma eficaz de protesto; foi neste sentido que acharam melhor trancarem–se no interior do seu próprio espaço, pois tal como afirma Paulo Vaz, presidente do NUDA, "sentimos que protestos como a greve de zelo, por exemplo, não têm tido muito sucesso, queríamos fazer um protesto mais original e para nós é importante o convívio".

As barricadas implicam, normalmente, "ameaças"; contudo, desta vez, Rui Mendes garante: "Não queremos com este protesto, se não alcançarmos as reivindicações, matarmo–nos todos cá dentro ou explodir; pretendemos mostrar as condições, porque a bomba já cá está, é o facto de isto nos poder cair em cima".

Durante todo o dia viveu–se, no interior do DARQ, um ambiente de grande animação. Logo pela manhã, até ao encerramento dos portões, os alunos construíram uma maquete, que simbolizava o departamento. Realizaram inúmeras actividades de modo a não haver momentos mortos; assistiram à exibição de filmes, propostos por professores da casa, nomeadamente pelo arquitecto Vítor Figueiredo e pelo pintor e professor António Olaio. Houve também lugar para conversas e debates entre professores e alunos, para reflectir sobre a situação. Outros aproveitaram o dia e a sala de computadores para terminar trabalhos que tinham de apresentar. Ao fim da tarde, num momento de concentração, os alunos barricados tiveram oportunidade de praticar um pouco de ioga, realizando–se uma aula para os interessados.

Chegaram–se as 18h, altura de abrir os portões à comunicação social e também ao reitor da Universidade de Coimbra. O objectivo era proporcionar uma visita ao edifício, dando assim a conhecer as condições em que os alunos trabalham. Para além do reitor, estava também presente Humberto Martins, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, para quem este "é um protesto legítimo, que se insere numa longa sequência de protestos que os estudantes têm encetado".

O reitor, Fernando Rebelo, afirmou ter algum conhecimento da situação, mas mostrou–se surpreendido com o elevado nível de degradação em algumas partes, como o telhado: "é muito provável que aquele bocadinho ali ao fundo caia em poucos dias", confessa durante a visita. Contudo, afirma que há salas em boas condições.

Quanto à solução para o problema, o reitor adianta que esta consiste em dois planos: "O plano do imediato, tomarmos as devidas precauções para que não haja nenhum acidente (...) ; o outro plano é o da reestruturação do edifício".

As actividades prolongaram–se pela noite fora. Contudo, houve quem não resistisse e fizesse uso do saco–cama.

Após uma longa noite, a barricada terminou pelas 10h da manhã, altura em que se abriram os portões e ...será que o protesto dos estudantes de arquitectura terminou aqui? "Não sei, depende dos resultados que isto venha a ter", conclui Rui Mendes.

Sílvia Matos

Acrobacias em Coimbra

Secção de ginástica organiza torneio internacional

No âmbito do programa da Queima das Fitas 2001, a Secção de Ginástica da Associação Académica de Coimbra realizará, no próximo dia 5 de Maio, um Torneio Internacional de Desportos Acrobáticos. O evento desportivo terá lugar no pavilhão Engenheiro Jorge Anjinho (Solum) e o preço de entrada é de 500 escudos.

No evento estarão presentes as selecções nacionais de Portugal, Bélgica, França e Rússia, com principal destaque para esta última, uma vez que é composta por ginastas detentores de títulos europeus e mundiais.

A sessão de abertura terá início às 21h e será preenchida por jovens dos 3 aos 16 anos que integram as classes de formação da Secção de Ginástica da AAC. Seguir–se-á a parte competitiva, que se debruçará no exercício de equilíbrio e no exercício dinâmico, nos quais concorrerão cinco especialidades: pares masculinos, pares femininos, pares mistos, grupos femininos (trios) e grupos masculinos (quadros).

No decorrer do torneio haverá lugar para a apresentação da média superfície da Associação de Ginástica do Distrito de Coimbra. Trata–se de uma coreografia de ginástica/aeróbica constituída por cerca de 150 pessoas que se dedicam a esta actividade por lazer. Esta sessão primará essencialmente pela coordenação e pelo espectáculo visual.

A sessão de encerramento decorrerá com as classes de demonstração da Secção de Ginástica da AAC. Saliente–se que estas estiveram presentes no 2º Eurogym em 1997 na Alemanha, e na 11º Gymnaestrada realizada na Suécia em 1999. Além disso, participarão no Campeonato Europeu de Desportos Acrobáticos, a realizar no dia 9 de Maio em Faro, em representação da Federação Portuguesa de Trampolins e Desportos Acrobáticos.

No entender de Jorge Abrantes, presidente da Secção de Ginástica da AAC, "o torneio não se distinguirá pela competição, mas pelo espectáculo em si". No entanto, este responsável mostrou–se preocupado com a provável greve dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra a ter lugar no dia 4 de Maio, uma vez que seriam estes a assegurar o transporte das selecções dentro da cidade de Coimbra.

Hugo Rascão

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Ferreira, Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Cecília Santos, Helder Dantas **Redacção:** Ana Laura, Cristina Rodrigues, Eduardo Brito, Filipe Vicente, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Márcia Oliveira, Manuel Eduardo Rodrigues, Maria João Lopes, Nuno Dias, Pedro Correia, Sílvia Matos, Tiago Marques **Colaboradores:** Ângela Neves, Anselmo Câmara, Emanuel Graça, Fernando Nunes, Joana Flôr, Mário Guerreiro, Pedro Ramos, **Fotografia:** Eduardo Brito, Nuno Curado, Pedro Correia **Publicidade:** Pedro Correia: 914177842 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Rui Antunes Mendes

O regresso da festa

Coimbra recebe mais uma vez...

"A única queima"

Fernando Domingos, Presidente da Comissão Central da Queima das Fitas de Coimbra 2001, faz o balanço da organização da festa e apela à unidade da Academia para garantir o seu sucesso.

A festa dos estudantes em Coimbra, com características singulares a nível nacional, representa para Fernando Domingos a oportunidade de prestar o seu contributo, investindo numa Queima melhor. A polémica no seio da Comissão Fiscalizadora não impedirá, na sua óptica, o sucesso do evento.

Como foi organizar a Queima das Fitas deste ano?

Um grande desafio para todos. Alguns de nós tínhamos experiência de anos anteriores: eu já fui colaborador durante dois anos e um dos comissários já tinha sido colaborador na Latada. Mas, mesmo assim, quando aqui chegámos, encontrámos obstáculos que não estávamos à espera.

Quais foram as maiores dificuldades?

A falta de tempo. Nós tomámos posse em Janeiro e deparámo–nos com uma série de dificuldades, desconhecendo qual o mecanismo a accionar para as resolver. A pouco e pouco fomos conseguindo, com a ajuda do Secretariado que nos foi alertando para certos problemas. Avançámos lentamente, não com a celeridade pretendida, mas tudo se foi remediando na maior parte das vezes.

Como se processou a angariação de patrocínios?

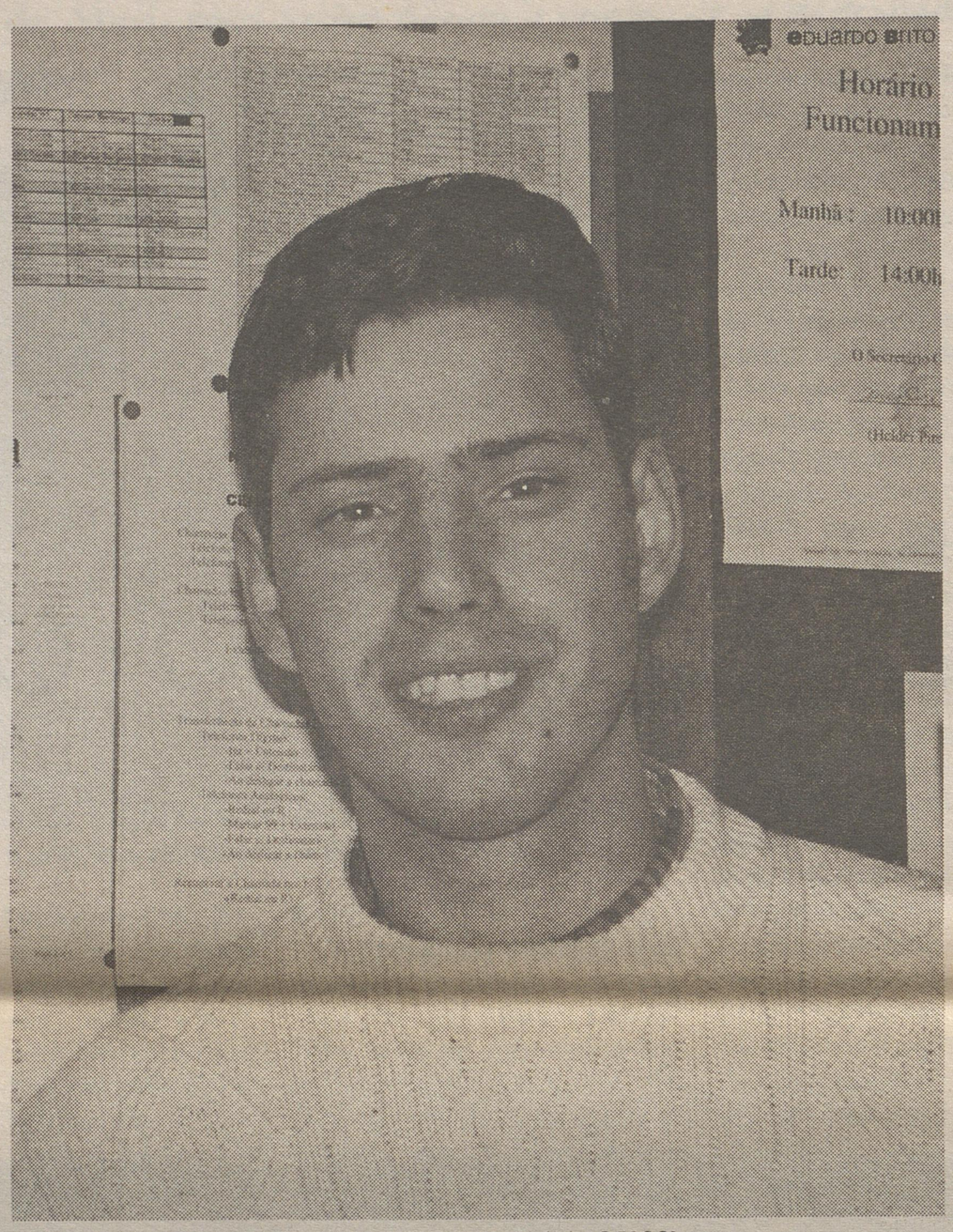
Não correu tão bem como nos outros anos, mas não por falta de esforço. Tivemos, como sempre, o apoio logístico da Câmara Municipal de Coimbra. No entanto, não houve grande iniciativa do sector empresarial de Coimbra e de Portugal em geral. Enviámos centenas de faxes, mas muitos deles não obtiveram resposta.

Quais as diferenças que destacaria em relação às queimas anteriores?

O que distingue esta das outras queimas é o programa cultural e desportivo. Todas as outras se cingiram à cópia em termos de espectáculos e tendinhas ou barraquinhas. Estamos a tentar promover algumas iniciativas inovadoras e outras que já se vêm fazendo há alguns anos, contando sempre com a colaboração das secções da casa, para tentar proporcionar a adesão dos estudantes de Coimbra às nossas actividades.

Quais são as maiores novidades do programa?

Este ano tivemos muitos espectáculos a nível do pelouro da cultura: a homenagem a Carlos Paredes, o concerto do Laginha e do Sassetti, o lançamento de dois CDs, o Ensemble Jazz e o Coral de Poitier. Deste leque consta ainda Luísa Sawaia, no Museu Machado de Castro, e um concerto de música clássica.



Fernando Domingos, presidente da Comissão Central da QF2001

Quais os critérios para a escolha dos grupos a actuar no Parque?

É–nos imposto (está no regulamento) tentar agradar a todas as camadas em termos de gosto. Entretanto, o comissário responsável por esse pelouro tentou, de certa forma, escolher grupos conhecidos, alguns já com créditos firmados. O nosso orçamento é bastante reduzido, sendo esse um factor que pesa sempre bastante. Nunca poderíamos entrar em grandes despesismos, até porque não seria aprovado em Comissão Fiscalizadora, mesmo que assim quiséssemos.

O que simboliza para ti organizar esta festa?

Simboliza muito. Desde muito cedo estive envolvido em associações de estudantes a nível do meu curso, do núcleo e da Associação Nacional de Estudantes de Medicina. Há uma coisa que me agrada particularmente: poder trabalhar em prol dos meus colegas. Uma vez que este ano sou quintanista, é com grande satisfação que, mesmo com prejuízo próprio, estou a trabalhar para que os outros possam ter uma Queima melhor. Quando via o que se passava nas outras Queimas pensava que, quando chegasse a minha oportunidade, ia fazer os possíveis para tentar integrar o grupo de comissários na realização da Queima das Fitas, que é a melhor, a única Queima do país. Estou a gostar muito de organizar. É algo singular poder contribuir para uma festa que recebe milhares de pessoas.

O Baile de Gala mudou de localização. Porquê?

Isso já foi bastante falado. As condições eram diminutas para o número de estudantes que afluiam ao Baile. Estamos a falar em cerca de 5 mil pessoas. O espaço da Escola Secundária José Falcão já não conseguia comportar tantos participantes e havia sempre confusões na passagem para a tenda exterior. Penso que este ano isso já não vai acontecer porque o quartel da BLI (Brigada Ligeira de Infantaria) é muito mais amplo. Apesar de ter uma tenda de apoio, não será necessário haver uma deslocação tão grande.

Achas que as divergências entre os membros da Comissão Fiscalizadora podem, de algum modo, comprometer a realização do certame?

Espero bem que não, porque a Queima é uma festa de estudantes, para estudantes. Seria bom que não existissem problemas entre as estruturas internas da Academia. Cada um tem o seu peso - ninguém lhes nega o valor - mas podem estar a influenciar o trabalho de toda a Comissão Organizadora. Pelo menos a nível psicológico não é muito agradável estar a trabalhar na incerteza. Tudo vai continuar a funcionar na normalidade, independentemente de quem estiver a fiscalizar. Todos nós, comissários, nos propusemos trabalhar e foi por isso que fomos eleitos. E vamos continuar a fazê–lo.

Está já previsto algum desfecho para esta situação?

Isso nunca vai passar por nós. Quem terá de resolver as divergências são as duas partes em contenda: a Direcção Geral e o Conselho de Veteranos. Nós somos apanhados no meio, mas não nos cabe avançar com a forma de resolver o problema.

Fátima Rachinhas
Carolina Ferreira

Seria bom que não existissem problemas entre as estruturas internas da Academia

Organizar a Queima está a ser um grande desafio

Veteranos preparam providência cautelar

Contas ameaçadas

Após a luta das Comissões Fiscalizadoras, o órgão máximo da praxe coimbrã vai avançar para os tribunais com uma acção contra a actuação da Direcção Geral da AAC, que considera ilegal.

O Conselho de Veteranos da Academia de Coimbra (CV) está a preparar a elaboração de uma providência cautelar contra a Comissão Fiscalizadora designada pela Direcção Geral da AAC (DG/AAC), a entregar ainda esta semana. Entretanto, o órgão que tutela a praxe coimbrã constituiu–se, na passada semana, como entidade jurídica e fiscal autónoma perante a estrutura da AAC.

Segundo João Luís Jesus, Dux Veteranorum, a providência cautelar, que poderá também tomar a forma de uma acção judicial, baseia–se na suposta ilegalidade da deliberação da DG/AAC aquando da nomeação unilateral de uma Comissão Fiscalizadora para Queima das Fitas 2001. Este protesto, que não pretende pôr em causa a realização do evento estudantil em questão, encontra–se neste momento na mão de um advogado, que está a elaborar a acção para que esta seja entregue em tribunal ainda esta semana. Para o Dux, é inadmissível "que sejam tomadas e impostas decisões à Queima das Fitas relativamente ao seu modo de funcionamento" e acusa a DG/AAC de falta de diálogo e de estar na Comissão Fiscalizadora apenas para exercer poder. Em relação ao boicote realizado pelo órgão tutelador da praxe coimbrã a esta comissão, João Luís Jesus defende que é "por uma questão de princípio que o Conselho de Veteranos, neste momento, não está representado" naquele órgão, pois não reconhece a sua existência, que considera ilegal. Na sua opinião, "a Queima das Fitas deve evoluir num sentido de independência em termos fiscais e jurídicos, seja do Conselho, seja da Direcção Geral; deve ser uma associação própria, com regras próprias" e com número de contribuinte próprio.

Quanto à marca "Queima das Fitas", o representante máximo da praxe esclarece que o processo de transferência da propriedade deste nome, registado há alguns anos atrás por Fernando Gama, na altura Dux Veteranorum, e Paulo Brito, secretário geral da Queima em 1996/97, para o CV, se encontra em fase administrativa. Esta transferência tornou–se possível a partir do momento em que, há cerca de 15 dias atrás, o órgão que defende a tradição académica de Coimbra se constituiu como associação independente, sob o nome de Magnum Concilium Veteranorum - Conselho de Veteranos da Academia de Coimbra, o que lhe confere um estatuto autónomo em relação à AAC. Este processo, que teve início em Junho do ano transacto, era, segundo o Dux, algo de que já se falava desde o início da década de 90 e um dos seus maiores objectivos enquanto figura máxima da praxe coimbrã. Porém, segundo afirma, este acto não pretende simbolizar uma ruptura com a academia mas sim uma forma de facilitar a acção do CV, que até agora não possuia qualquer tipo de estatuto legal no interior da AAC, o que levantava bastantes entraves às suas actividades.

Queima das Fitas 2001, muito mais que uma festa

Desconhecimento de Humberto Martins

No entanto, Humberto Martins, presidente da DG/AAC, afirma não ter conhecimento de nenhuma providência cautelar a apresentar pelo CV mas avança que a DG não teme pressões desse género, visto que a decisão em questão foi uma decisão aprovada por maioria em Assembleia Magna.

Apesar das perturbações, a Comissão Fiscalizadora designada pela DG já começou o seu trabalho e encontra–se neste momento a funcionar com seis dos seus sete elementos constituintes, devido ao boicote do CV. Humberto Martins lamenta que "quem tanto preza, quem tanto interesse tem em estar ligado à Queima das Fitas, não queira participar num dos órgãos que viabilazará" a sua realização mas adverte que a Queima vai ocorrer, mesmo que não apoiada pelo órgão representante da praxe de Coimbra.

Quanto às mudanças de posse da marca "Queima das Fitas" para o CV e da constituição deste como associação, o presidente da DG afirma nada saber mas critica o afastamento dos veteranos da estrutura da AAC, naquilo que considera ser "um claro desrespeito pela própria praxe académica de Coimbra, que se baseia precisamente em todos os estudantes da Universidade de Coimbra, em todos os que fazem parte desta academia e que se identificam" com ela e com a praxe académica. Em relação à questão da marca "Queima das Fitas", este dirigente da AAC considera que foi uma questão só agora puxada à ribalta para desestabilizar e criar nebelinas em torno do evento: "o nome "Queima das Fitas" não é de ninguém; a Queima das Fitas pertence a quem deve pertencer, aos estudantes desta academia".

Ainda em relação à maior festa estudantil nacional, Humberto Martins queixa–se da "falta de apoios da cidade" que "não investe na Queima das Fitas como a Queima das Fitas acaba por investir em toda a cidade", o que tem asfixiado o crescimento desta festa.

Segurança no recinto

Quanto à empresa encarregada da segurança, esta já está escolhida e o presidente da DG/AAC, garante que não será a mesma que cumpriu essas funções no ano passado. Humberto Martins recorda que "há muitas questões que estão por esclarecer, algumas de foro judicial, em relação a certos comportamentos no âmbito da prestação de serviços de segurança" durante a última Queima, situações essas que deverão ser de evitar este ano.

No entanto, a adjudicação da segurança do recinto foi bastante complexa. Hélder Pires, secretário geral da Queima das Fitas 2001, explica que a Comissão Central, após toda a polémica que a escolha da segurança envolveu, fez um pedido à Comissão Fiscalizadora no sentido de rever a sua decisão. Porém, após novo estudo, a Comissão Central voltou a escolher a mesma empresa do ano passado, que a Comissão Fiscalizadora rejeitou. Perante este cenário, a Comissão Central entendeu então que deveria ser a própria Comissão Fiscalizadora a decidir acerca da atribuição do concurso da segurança, como acabou por suceder.

Em relação à Queima das Fitas, o secretário geral refere que os elementos da organização estão "a fazer os possíveis para realizar uma boa festa" e ressalva que este ano as preparações do evento pautaram–se "por um sistema o mais transparente possível". Quanto a contas, Hélder Pires espera que os prazos sejam cumpridos e que até 31 de Julho, dia do prazo limite, o relatório final esteja pronto.

Politização da Queima

Noutra vertente, também a politização da Queima tem dado que falar. O Centro de Estudos da Queima das Fitas, grupo de trabalho criado no âmbito de uma deliberação na última Assembleia Magna e com o objectivo de estudar as formas de aproveitar esta festa académica em favor das reivindicações estudantis, tem estado a trabalhar conjuntamente com a Comissão Central, e já avançou com algumas propostas no sentido de diversificar ao máximo a contestação, faltando–lhes apenas alguns acertos finais. Entretant , a Assembleia Magna que ficara ag[illegible]dada para antes da Queima das Fitas para discutir os aspectos e formas de manifestação a adoptar, acabou por não ocorrer em virtude da indisponibilidade de um espaço na Universidade que pudesse albergar este evento.

Emanuel Graça

4 de Maio - Sexta

Rádio Macau

O ano 2000 marcou o regresso da banda de Xana e Flak após oito anos de interrupção na carreira. No Queimódromo os Rádio Macau trazem na bagagem o último disco "Uma questão de tempo", um registo próximo do trip hop sem esquecer os traços pop que caracterizaram os Rádio Macau nos anos 80. A partir do concerto na latada podemos esperar um concerto centrado nas músicas do último disco sem esquecer alguns clássicos como o "Anzol" ou "O Hábito Faz o Monstro".

The Gift

Depois do vinyl, o film. Vindos de Alcobaça, os The Gift quase dispensam apresentações. "OK Do You Want Something Simple" lançou–os para a ribalta em 99, ano em que os The Gift correram o país em festas académicas e Festivais de Verão. Com o terceiro álbum de originais, "Film", um disco menos fácil de digerir, a banda de Nuno Gonçalves e Sónia Tavares procura outras paisagens mais coesas e unas. Resta saber qual será a reacção do público às novas composições dos The Gift.

EMF

Embalaram as massas ao som de "You're Unbelievable", depois de um sucesso que lhes deu fama e fortuna (se calhar nem tanta quanto isso) retiraram–se de cena e anunciaram o fim. Há poucos meses falava–se num possível retorno aos palcos e, muito provavelmente aos discos de originais. O regresso oficial ficou marcado para o final de Maio em Londres, mas antes disso surge este "warm up gig" em Coimbra.

A pop com pronúncios electrónicos promete falar mais alto neste final de noite. Depois do interregno fica a dúvida sobre a real condição desta formação que criou um êxito e foi apelidada de "one hit band" e quer voltar aos tops. A ver vamos.

5 de Maio - Sábado

Killer Barbies

Há quem diga que, de Espanha, nem bons ventos nem bons casamentos. Garantimos que, no final deste concerto não vão faltar pretendentes a Silvia Superstar, a líder desta banda de pop punk glam rock. Lançaram–se nas edições discográficas na segunda metade dos anos noventa e têm actuado um pouco por todo o mundo espalhando o perfume do punk rock feito por três meninas com roupas curtas e um rapaz pelo meio.

Abriram concertos para Iggy Pop, são venerados na Alemanha e vendem milhares nos Estados Unidos. As Killer Barbies estreiam–se em Coimbra depois de, ainda no ano passado, terem visitado o Porto para um concerto no Hard Club.

Da Weasel

Pouco banal, com alma e sem preconceitos, a doninha volta a atacar nas festas da academia. Depois de um rumor intenso que anunciava o fim da banda, Pacman e companhia voltam para confirmar o talento da mais heterodoxa das bandas hip hop nacionais. Numa altura em que está em preparação o disco sucessor de "Iniciação a uma Vida Banal, O Manual", os Da Weasel deixam antever um concerto onde, de certo, não vão faltar os temas clássicos "God Bless Johnny", "Dou–lhe com a Alma" ou "Let´s Go".

Asian Dub Foundation

Oriundos da comunidade musical imigrante indiana no Reino Unido, os Asian Dub Foundation (ADF) combinam as raízes do subcontinente indiano, o dub jamaicano e os ritmos do drum n' bass britânico. Formados em 93, atingiram o estatuto de mini–estrelas da música alternativa em 98 com o disco "Rafi´s revenge". Trata–se da mais arriscada aposta musical do cartaz da Queima deste ano e prometem levar ao recinto curiosos e fans vindos de todo o país. "Comunity music", o disco mais recente editado no ano passado, confirma a tendência dos ADF para a fusão frenética. Um concerto a seguir com muita atenção, que se deve revelar a grande surpresa desta queima... ou não fossem os ADF aclamados pela imprensa britânica como uma das melhores bandas ao vivo.

6 de Maio - Domingo

Wray Gunn

Depois do fulminante concerto no ano passado no Palco RUC, a banda liderada por Paulo Furtado, ex–guitarrista dos Tédio Boys, está numa fase meteórica da sua carreira. O segredo da receita é a fusão de vários géneros musicais provenientes dos últimos 50 anos da história da música: rock and roll, soul, hip hop, punk, funk e garage. O novo disco da nova coqueluche da música de Coimbra (que conta com a participação de Adolfo Luxúria Canibal dos Mão Morta) está a ser ultimado e as expectativas são altas, pelo que podemos esperar um concerto repleto de temas do álbum a ser lançado em Junho. Os Wray Gunn reforçaram–se recentemente com dois "Belle Chase Hotel", Raquel Ralha nas vozes e Luís Madeira nos teclados.

Mão Morta

Os Mão Morta são provavelmente o maior fenómeno de culto na música portuguesa. Ácido, subversivo e poeta maldito, Adolfo Luxúria Canibal é a figura central de uma banda oriunda da cidade dos arcebispos que conta já com mais de 15 anos de carreira e por onde já passaram vários músicos. "Primavera de Destroços", o novo disco que os Mão Morta apresentaram oficialmente em Coimbra no passado mês de Março com um concerto no TAGV, é o mote para a noite de Direito e marca o regresso dos Mão Morta às grandes músicas e às grandes letras num tom mais intimista. Não dispensáveis serão certamente os hinos "Oublá", "Barcelona", "Anarquista Duval" ou "Em directo para a televisão".

Sneaker Pimps

Sneaker Pimps é uma daquelas bandas que apanharam a boleia do trip hop de meados dos anos 90, de onde vieram os Portishead, Massive Attack e Tricky. Embalaram para o sucesso com o single "6 underground" uma música do inspirado álbum "Becoming x". E quando se juntaram a Marylin Manson para gravarem um tema para a banda sonora do filme "Spawn", o verniz estalou e as convulsões internas começaram...

A saída da vocalista Keli Dayton levou a uma pausa na carreira retomada em 2000 com "Splinter". Agora a voz está entregue ao andrógino compositor Chis Corner e o som tornou–se mais pop. Os Sneaker Pimps estão pela segunda vez em Portugal depois de uma fugaz passagem pelo palco do Festival de Paredes de Coura em 99.

7 de Ma

Coldfinge

Depois da es
Atenas há dois
os Coldfinger p
Queimódromo.
ximo das novas
dança, os Coldfi
A voz de Marga
Miguel Cardona
e o "scratch"
mais–valias de
música portugue

Blind Zer

"One Silent
so dos portuens
mentos discog
que por cá pas
nuela Azevedo
Morta) a estuda
das festividades
cionar mais um

Nos últimos
veram compene
sões para o es
Beatles "Come
última edição d
per Rock. Não
oiça alguma por

Xutos & P

Mais de vinte
tos sucessos qu
ca são os ingred
sucesso garanti
que todos quere

Kalu, Zé Pe
os pais do Rock
homenagearam

Depois de u
de Tim e da sua
mo os Resistên
dro e Kalu tamb
Jorge Palma,
nunca nenhuma
cançou o estatu
nacional de todo

O conceitua
Arnaldo Antune
mem" para os C
há dois fenómen
la sua voz e os

Num período
mo trabalho de
desvendado ao
ções de Maio. A
se cante ... "a 1

Maio - Segunda

ger

estreia em palcos da Lusa
is anos no palco secundário,
pisam o grande palco do
o. Senhores de um som pró-
as tendências da música de
ldfinger são mais orgânicos.
rgarida Pinto, a guitarra de
na (ex–Blasted Mechanism)
" de DJ Kurzfader são as
le uma confirmação da nova
guesa.

ero

nt Accident" marca o regres-
enses Blind Zero aos lança-
ográficos. Miguel Guedes,
assou juntamente com Ma-
lo e Miguel Pedro (dos Mão
dar Direito, volta aos palcos
les académicas para propor-
m grande momento de rock.
os tempos os Blind Zero esti-
netrados a trabalhar em ver-
espectáculo de tributo aos
me Together" englobado na
do Festival Super Bock Su-
o será de estranhar que se
por aqui.

& Pontapés

inte anos de carreira e mui-
que andam de boca em bo-
redientes para uma noite de
ntido onde a banda toca o
erem e todos conhecem.
Pedro, Tim e Cabeleira são
ock nacional e recentemente
am Rui Veloso e os Beatles.
uma fugaz carreira a solo
ua inclusão em projectos co-
ência e Rio Grande, Zé Pe-
mbém dão uma mãozinha a
, no "Palma's Gang", mas
ma actividade paralela al-
tatuto da maior banda rock
odos os tempos.
uado compositor brasileiro
nes (que escreveu "H2Ho-
s Clã) dizia que em Portugal
enos musicais; "Amália, pe-
os Xutos, pela sua garra".
do em que se fala no próxi-
de originais, este talvez seja
aos poucos nestas actua-
. Apesar de ser dia 7, talvez
13 de Maio".

8 de Maio - Terça

Baby

Porque as Spice Girls já não são assim tão picantes e as Popstars de um certo canal de televisão ainda não fazem digressões, nada melhor do que pegar numas moças que mostram a perna e vão movimentando os lábios. O fenómeno das Girls Band está aí para as curvas, e sobretudo, pelas curvas.

... porque o melhor do mundo são as crianças!

Ena Pá 2000

Na ressaca da monumental pré–campanha presidencial de Manuel João Vieira, os Ena Pá 2000 voltam à cidade de Coimbra para um concerto onde tudo pode acontecer, desde versões do Coiro de Santo Amaro de Oeiras a cânticos religiosos compostos pelo Cónego Lello Minsk.

Masturbação, Sexo na Banheira, Olga, Marilú e muito mais num espectáculo com as movimentações sensuais das valquírias lideradas por um gajo muito fixe.

Uma lufada de ar fresco e rock'n'roll numa noite em que não se sabe quem bebe mais, se o público ou o vocalista. Imagino o ambiente do backstage nesta noite...

Os Anjos

São irmãos, usam mais que um relógio, foram campeões de vendas, são a boys band de mais sucesso em território luso. Caras larocas que são o sonho de imensas teenagers inconscientes e que levam as meninas ao delírio.

Esta é a técnica mais brilhante para atrair público a uma festividade académica. Contratam–se uns rapazinhos que dançam de forma sincronizada e que arrastam grande parte da comunidade feminina... se elas vão, a comunidade masculina acompanha porque pelo menos vai poder dizer... "Rapariga, aquele ali em cima não pode estar contigo, ...mas eu posso!"

9 de Maio - Quarta

Ala dos Namorados

João Gil namorava com a Catarina Furtado, e as más línguas diziam que Nuno Guerreiro namorava com a Sara Tavares, que deu voz à letra de Catarina Furtado "Solta–se o beijo". Muito amor e sucesso neste projecto de um ex–trovante, liderado por um menino com uma capacidade vocal invulgar que já o levou aos tops nipónicos com o seu disco a solo.

Os "Loucos de Lisboa" deixam–se entusiasmar pelo novo "Cristal" e prometem um concerto com alguns temas bem conhecidos pelo meio.

Rui Veloso

"Chico Fininho" povoa o imaginário rock nacional há mais de 20 anos, espalhando o seu "Ar de Rock" com "Paixão", mesmo quando "Não há estrelas no céu".

Edificou o hino da cidade invicta "Porto Sentido", deu a conhecer "Porto Côvo", fez um disco dedicado aos descobrimentos e cantou "Maubere" dedicado a um povo em sofrimento. Juntou–se em palco com o seu ídolo BB King e foi, há bem pouco tempo, alvo de uma homenagem protagonizada por nomes tão distintos como os Xutos e Pontapés, Da Weasel, Clã, Mão Morta ou Belle Chase Hotel.

Acompanhado desde muito cedo pelo letrista Carlos Tê (que também colabora com os Clã), Rui Veloso vai, decerto, proporcionar um concerto recheado de canções bem conhecidas.

Jorge Palma

Poeta, escritor de canções e boémio, Jorge Palma é uma das mais peculiares figuras da música nacional, pela genialidade e singularidade da sua escrita conjugada com a simplicidade da sua composição. Já há muito se fala do lançamento de um novo trabalho de originais, mas a mudança litigiosa de editora não foi um mar de rosas e quando o lançamento estava marcado, a editora anterior lançou uma compilação de êxitos e o novo disco ficou adiado para Abril de 2001. Em Março último, a anterior etiqueta apressa a reedição de discos antigos em CD e fica de novo adiado o regresso de Palma aos novos temas, se bem que alguns deles já poderão ser ouvidos nesta actuação.

As canções já são hinos e todos as cantam, e ainda bem, porque muitas vezes ajudam o intérprete a recordar as letras.

10 de Maio - Quinta

Balla

Armando Teixeira já era conhecido pelas suas ligações a projectos como os "Boris Ex Machina", "Bizarra Locomotiva" e "Da Weasel". Agora aventura–se, através da editora NorteSul, numa carreira a solo sob a designação de "Balla". O disco gerou imensas expectativas e foi muito bem aceite pela crítica especializada. "Ela", o primeiro single, rodou insistentemente nas rádios e a prova de fogo surge com as actuações ao vivo.

Uma esperança? Uma confirmação? A resposta resulta da abertura do palco neste penúltimo dia de Queima.

Ritual Tejo

1, 2, 3, vou nascer outra vez!

Do júri do chuva de estrelas e companhia limitada já não se sentiam sinais de vida há algum tempo, mas parece que eles estão aí para mais um momento pop com um ou outro tema mais conhecido ...ou nem tanto.

Banda surpresa

?

Textos de:
José Carlos Santos
Hugo Ferreira

4 de Maio - Sexta

Rádio Macau

O ano 2000 marcou o regresso da banda de Xana e Flak após oito anos de interrupção na carreira. No Queimódromo os Rádio Macau trazem na bagagem o último disco "Uma questão de tempo", um registo próximo do trip hop sem esquecer os traços pop que caracterizaram os Rádio Macau nos anos 80. A partir do concerto na latada podemos esperar um concerto centrado nas músicas do último disco sem esquecer alguns clássicos como o "Anzol" ou "O Hábito Faz o Monstro".

The Gift

Depois do vinyl, o film. Vindos de Alcobaça, os The Gift quase dispensam apresentações. "OK Do You Want Something Simple" lançou–os para a ribalta em 99, ano em que os The Gift correram o país em festas académicas e Festivais de Verão. Com o terceiro álbum de originais, "Film", um disco menos fácil de digerir, a banda de Nuno Gonçalves e Sónia Tavares procura outras paisagens mais coesas e unas. Resta saber qual será a reacção do público às novas composições dos The Gift.

EMF

Embalaram as massas ao som de "You're Unbelievable", depois de um sucesso que lhes deu fama e fortuna (se calhar nem tanta quanto isso) retiraram–se de cena e anunciaram o fim. Há poucos meses falava–se num possível retorno aos palcos e, muito provavelmente aos discos de originais. O regresso oficial ficou marcado para o final de Maio em Londres, mas antes disso surge este "warm up gig" em Coimbra.

A pop com pronúncios electrónicos promete falar mais alto neste final de noite. Depois do interregno fica a dúvida sobre a real condição desta formação que criou um êxito e foi apelidada de "one hit band" e quer voltar aos tops. A ver vamos.

5 de Maio - Sábado

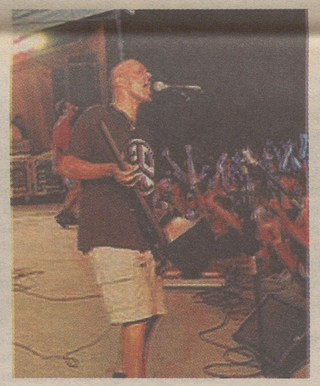
Killer Barbies

Há quem diga que, de Espanha, nem bons ventos nem bons casamentos. Garantimos que, no final deste concerto não vão faltar pretendentes a Silvia Superstar, a líder desta banda de pop punk glam rock. Lançaram–se nas edições discográficas na segunda metade dos anos noventa e têm actuado um pouco por todo o mundo espalhando o perfume do punk rock feito por três meninas com roupas curtas e um rapaz pelo meio.

Abriram concertos para Iggy Pop, são venerados na Alemanha e vendem milhares nos Estados Unidos. As Killer Barbies estreiam–se em Coimbra depois de, ainda no ano passado, terem visitado o Porto para um concerto no Hard Club.

Da Weasel

Pouco banal, com alma e sem preconceitos, a doninha volta a atacar nas festas da academia. Depois de um rumor intenso que anunciava o fim da banda, Pacman e companhia voltam para confirmar o talento da mais heterodoxa das bandas hip hop nacionais. Numa altura em que está em preparação o disco sucessor de "Iniciação a uma Vida Banal, O Manual", os Da Weasel deixam antever um concerto onde, de certo, não vão faltar os temas clássicos "God Bless Johnny", "Dou–lhe com a Alma" ou "Let´s Go".



Asian Dub Foundation

Oriundos da comunidade musical imigrante indiana no Reino Unido, os Asian Dub Foundation (ADF) combinam as raízes do subcontinente indiano, o dub jamaicano e os ritmos do drum n' bass britânico. Formados em 93, atingiram o estatuto de mini–estrelas da música alternativa em 98 com o disco "Rafi´s revenge". Trata–se da mais arriscada aposta musical do cartaz da Queima deste ano e prometem levar ao recinto curiosos e fans vindos de todo o país. "Comunity music", o disco mais recente editado no ano passado, confirma a tendência dos ADF para a fusão frenética. Um concerto a seguir com muita atenção, que se deve revelar a grande surpresa desta queima... ou não fossem os ADF aclamados pela imprensa britânica como uma das melhores bandas ao vivo.

6 de Maio - Domingo

Wray Gunn

Depois do fulminante concerto no ano passado no Palco RUC, a banda liderada por Paulo Furtado, ex–guitarrista dos Tédio Boys, está numa fase meteórica da sua carreira. O segredo da receita é a fusão de vários géneros musicais provenientes dos últimos 50 anos da história da música: rock and roll, soul, hip hop, punk, funk e garage. O novo disco da nova coqueluche da música de Coimbra (que conta com a participação de Adolfo Luxúria Canibal dos Mão Morta) está a ser ultimado e as expectativas são altas, pelo que podemos esperar um concerto repleto de temas do álbum a ser lançado em Junho. Os Wray Gunn reforçaram–se recentemente com dois "Belle Chase Hotel", Raquel Ralha nas vozes e Luís Madeira nos teclados.

Mão Morta

Os Mão Morta são provavelmente o maior fenómeno de culto na música portuguesa. Ácido, subversivo e poeta maldito, Adolfo Luxúria Canibal é a figura central de uma banda oriunda da cidade dos arcebispos que conta já com mais de 15 anos de carreira e por onde já passaram vários músicos. "Primavera de Destroços", o novo disco que os Mão Morta apresentaram oficialmente em Coimbra no passado mês de Março com um concerto no TAGV, é o mote para a noite de Direito e marca o regresso dos Mão Morta às grandes músicas e às grandes letras num tom mais intimista. Não dispensáveis serão certamente os hinos "Oublá", "Barcelona", "Anarquista Duval" ou "Em directo para a televisão".

Sneaker Pimps

Sneaker Pimps é uma daquelas bandas que apanharam a boleia do trip hop de meados dos anos 90, de onde vieram os Portishead, Massive Attack e Tricky. Embalaram para o sucesso com o single "6 underground" uma música do inspirado álbum "Becoming x". E quando se juntaram a Marylin Manson para gravarem um tema para a banda sonora do filme "Spawn", o verniz estalou e as convulsões internas começaram...

A saída da vocalista Keli Dayton levou a uma pausa na carreira retomada em 2000 com "Splinter". Agora a voz está entregue ao andrógino compositor Chis Corner e o som tornou–se mais pop. Os Sneaker Pimps estão pela segunda vez em Portugal depois de uma fugaz passagem pelo palco do Festival de Paredes de Coura em 99.

7 de Maio - Segunda

Coldfinger

Depois da estreia em palcos da Lusa Atenas há dois anos no palco secundário, os Coldfinger pisam o grande palco do Queimódromo. Senhores de um som próximo das novas tendências da música de dança, os Coldfinger são mais orgânicos. A voz de Margarida Pinto, a guitarra de Miguel Cardona (ex–Blasted Mechanism) e o "scratch" de DJ Kurzfader são as mais–valias de uma confirmação da nova música portuguesa.

Blind Zero

"One Silent Accident" marca o regresso dos portuenses Blind Zero aos lançamentos discográficos. Miguel Guedes, que por cá passou juntamente com Manuela Azevedo e Miguel Pedro (dos Mão Morta) a estudar Direito, volta aos palcos das festividades académicas para proporcionar mais um grande momento de rock.

Nos últimos tempos os Blind Zero estiveram compenetrados a trabalhar em versões para o espectáculo de tributo aos Beatles "Come Together" englobado na última edição do Festival Super Bock Super Rock. Não será de estranhar que se oiça alguma por aqui.

Xutos & Pontapés

Mais de vinte anos de carreira e muitos sucessos que andam de boca em boca são os ingredientes para uma noite de sucesso garantido onde a banda toca o que todos querem e todos conhecem.

Kalu, Zé Pedro, Tim e Cabeleira são os pais do Rock nacional e recentemente homenagearam Rui Veloso e os Beatles.

Depois de uma fugaz carreira a solo de Tim e da sua inclusão em projectos como os Resistência e Rio Grande, Zé Pedro e Kalu também dão uma mãozinha a Jorge Palma, no "Palma's Gang", mas nunca nenhuma actividade paralela alcançou o estatuto da maior banda rock nacional de todos os tempos.

O conceituado compositor brasileiro Arnaldo Antunes (que escreveu "H2Homem" para os Clã) dizia que em Portugal há dois fenómenos musicais; "Amália, pela sua voz e os Xutos, pela sua garra".

Num período em que se fala no próximo trabalho de originais, este talvez seja desvendado aos poucos nestas actuações de Maio. Apesar de ser dia 7, talvez se cante ... "a 13 de Maio".

8 de Maio - Terça

Baby

Porque as Spice Girls já não são assim tão picantes e as Popstars de um certo canal de televisão ainda não fazem digressões, nada melhor do que pegar numas moças que mostram a perna e vão movimentando os lábios. O fenómeno das Girls Band está aí para as curvas, e sobretudo, pelas curvas.

... porque o melhor do mundo são as crianças!

Ena Pá 2000

Na ressaca da monumental pré–campanha presidencial de Manuel João Vieira, os Ena Pá 2000 voltam à cidade de Coimbra para um concerto onde tudo pode acontecer, desde versões do Coiro de Santo Amaro de Oeiras a cânticos religiosos compostos pelo Cónego Lello Minsk.

Masturbação, Sexo na Banheira, Olga, Marilú e muito mais num espectáculo com as movimentações sensuais das valquírias lideradas por um gajo muito fixe.

Uma lufada de ar fresco e rock'n'roll numa noite em que não se sabe quem bebe mais, se o público ou o vocalista. Imagino o ambiente do backstage nesta noite...

Os Anjos

São irmãos, usam mais que um relógio, foram campeões de vendas, são a boys band de mais sucesso em território luso. Caras larocas que são o sonho de imensas teenagers inconscientes e que levam as meninas ao delírio.

Esta é a técnica mais brilhante para atrair público a uma festividade académica. Contratam–se uns rapazinhos que dançam de forma sincronizada e que arrastam grande parte da comunidade feminina... se elas vão, a comunidade masculina acompanha porque pelo menos vai poder dizer... "Rapariga, aquele ali em cima não pode estar contigo, ...mas eu posso!"

9 de Maio - Quarta

Ala dos Namorados

João Gil namorava com a Catarina Furtado, e as más línguas diziam que Nuno Guerreiro namorava com a Sara Tavares, que deu voz à letra de Catarina Furtado "Solta–se o beijo". Muito amor e sucesso neste projecto de um ex–trovante, liderado por um menino com uma capacidade vocal invulgar que já o levou aos tops nipónicos com o seu disco a solo.

Os "Loucos de Lisboa" deixam–se entusiasmar pelo novo "Cristal" e prometem um concerto com alguns temas bem conhecidos pelo meio.

Rui Veloso

"Chico Fininho" povoa o imaginário rock nacional há mais de 20 anos, espalhando o seu "Ar de Rock" com "Paixão", mesmo quando "Não há estrelas no céu".

Edificou o hino da cidade invicta "Porto Sentido", deu a conhecer "Porto Côvo", fez um disco dedicado aos descobrimentos e cantou "Maubere" dedicado a um povo em sofrimento. Juntou–se em palco com o seu ídolo BB King e foi, há bem pouco tempo, alvo de uma homenagem protagonizada por nomes tão distintos como os Xutos e Pontapés, Da Weasel, Clã, Mão Morta ou Belle Chase Hotel.

Acompanhado desde muito cedo pelo letrista Carlos Tê (que também colabora com os Clã), Rui Veloso vai, decerto, proporcionar um concerto recheado de canções bem conhecidas.

Jorge Palma

Poeta, escritor de canções e boémio, Jorge Palma é uma das mais peculiares figuras da música nacional, pela genialidade e singularidade da sua escrita conjugada com a simplicidade da sua composição. Já há muito se fala do lançamento de um novo trabalho de originais, mas a mudança litigiosa de editora não foi um mar de rosas e quando o lançamento estava marcado, a editora anterior lançou uma compilação de êxitos e o novo disco ficou adiado para Abril de 2001. Em Março último, a anterior etiqueta apressa a reedição de discos antigos em CD e fica de novo adiado o regresso de Palma aos novos temas, se bem que alguns deles já poderão ser ouvidos nesta actuação.

As canções já são hinos e todos as cantam, e ainda bem, porque muitas vezes ajudam o intérprete a recordar as letras.

10 de Maio - Quinta

Balla

Armando Teixeira já era conhecido pelas suas ligações a projectos como os "Boris Ex Machina", "Bizarra Locomotiva" e "Da Weasel". Agora aventura–se, através da editora NorteSul, numa carreira a solo sob a designação de "Balla". O disco gerou imensas expectativas e foi muito bem aceite pela crítica especializada. "Ela", o primeiro single, rodou insistentemente nas rádios e a prova de fogo surge com as actuações ao vivo.

Uma esperança? Uma confirmação? A resposta resulta da abertura do palco neste penúltimo dia de Queima.

Ritual Tejo

1, 2, 3, vou nascer outra vez!

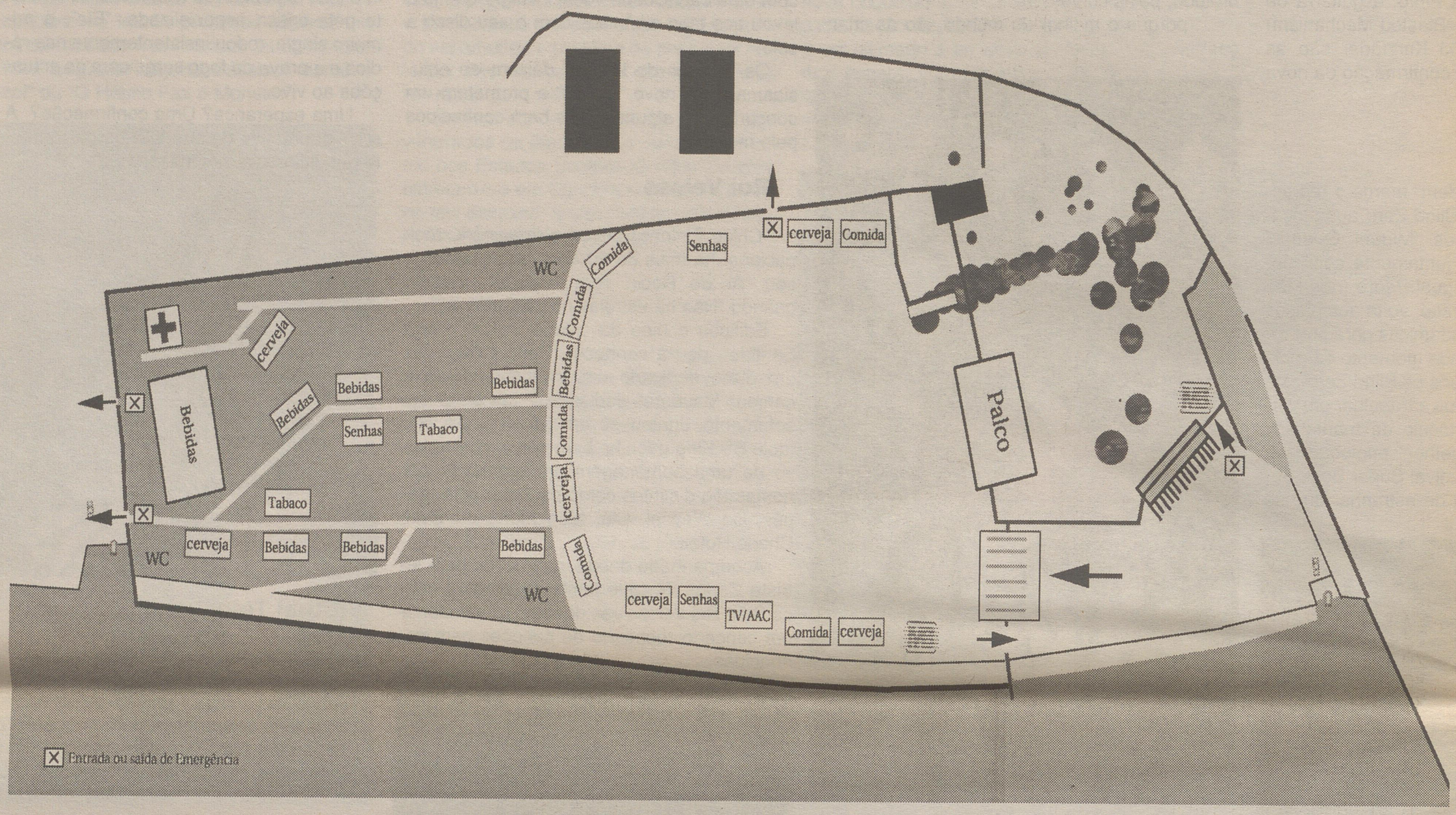
Do júri do chuva de estrelas e companhia limitada já não se sentiam sinais de vida há algum tempo, mas parece que eles estão aí para mais um momento pop com um ou outro tema mais conhecido ...ou nem tanto.

Banda surpresa

?

Textos de:
José Carlos Santos
Hugo Ferreira

Mapa do Queimódromo



PUB

Máquinas Fotográficas
Desde 490$

Óculos de sol
Desde 990$

CASH TM
CONVERTERS
COMPRAMOS VENDEMOS TROCAMOS

Televisores
Desde 9 900$

COMPRAMOS NA HORA E A DINHEIRO

CD´s de música
Desde 500$

Computadores
Desde 24 900$

A melhor forma de vender
Um grande lugar para comprar

Líder mundial no comércio de artigos em segunda mão

Consolas
Desde 4 500$

Aparelhagens de HI-FI
Desde 9 900$

Fax
Desde 9 900$

Rádios
Desde 490$

Auto-rádios
Desde 1 490$

Segunda a Sábado
das 10h00 às 19h30
(excepto feriados)

Rua Dr. António José de Almeida, 36 Tel: 239 84 26 34/5 Fax: 239 84 26 36

A Queima sobre rodas

Lista de carros do cortejo da Queima 2001

1 - Hábitos orais	Medicina Dentária
2 - Wanderlei	Direito
3 - Consola - m'a Viga	Engenharia Civil
4 - Evangelho 2º Tudo Isto	Estudos Portugueses
5 - Farmacoenlatados	Farmácia
6 - Arrota c'us tostões	Economia
7 - Psicopatos (com laranja)	Psicologia
8 - Faculdade Virtual	Desporto
9 - Sucesso Real ou Imaginário	Matemática
10 - Globalixação	Relações Internacionais
11 - Lex Symbol	Direito
12 - SpeedIex - Justiça a Tempo e Horas	Direito
13 - Potência - 0 - Metro	Engenharia Electrotécnica
14 - Arte e Manhas	História da Arte
15 - Bom Selvagem/Mau civilizado	Antropologia
16 - Biela d'Amargura	Engenharia Mecânica
17 - Torre dos (In)docentes	Português/Inglês
18 - 2001 - Emprego no Espaço	Português/Alemão
19 - Mundo Sick	Jornalismo
20 - Acorrentados ao Orçamento	Bioquímica
21 - Big - Doctors	Medicina
22 - Batas Loucas	Medicina
23 - Tartaruga Geni(t)al	Biologia
24 - Os Deuses devem estar loucos	Clássicas
25 - O Carro	Direito
26 - Sprint Pró Futuro	Ciências do Desporto
27 - Educação Oculta	Ciências da Educação
28 - Astroglobo	Engenharia Geográfica
29 - Silicone Valley	Engenharia Informática
30 - Stresslex	Direito
31 - 69 - 100- C's	Matemática
32 - Levant'ó Direito	Direito
33 - Art 112 - Urgência para endireitar	Direito
34 - Lextasy	Direito
35 - 2001 - Pilões no espaço	Farmácia
36 - Esfignomamómetro	Medicina
37 - HUC8	Medicina
38 - 2001 - Odisseia na Viga	Engenharia Civil
39 - Lex Carochumbo	Direito
40 - Euro F(E)UKERS	Economia
41 - Reactor Químico	Engenharia Química
42 - Pinhão d'Atack	Engenharia Mecânia
43 - Pró - Pina	Economia
44 - + Q's q. f.e.m.'s"	Engenharia Electrotécnica
45 - XOT Nuclear	Física/ Engenharia Física
46 - Eureka	Química Industrial
47 - Cu - Incineração	Química
48 - Kilobatius	Engenharia Electrotécnica
49 - Catra - Pilas	Engenharia Geológica
50 - Arca dos Números	Matemática
51 - ...	Arqueologia
52 - Euro Parto	Org. Gestão de Empresas
53 - Escudo no paraíso Fiscal	Org. Gestão de Empresas
54 - Escalada pró (Des)Emprego	Inglês/ Alemão
55 - Mat & Mática	Matemática
56 - Hás–de ter emprego hades	Filosofia
57 - Marx'á'trás	Economia
58 - Pa–ra–ce–ta–mo	Farmácia
59 - Verga Omnel	Direito
60 - Generación 2001	Português/ Espanhol
61 - E - Geoculação	Geologia
62 - Acorrentados à Sociedade	Sociologia
63 - Leixos Poisar	Direito
64 - Armados em Betão	Engenharia Civil
65 - Pointe na Europa	Engenharia Civil
66 - Psicuorgia Cerebral	Psicologia
67 - Tasca Mosca	Biologia
68 - Naufrági	História
69 - Sopa de Letras	Português/ Francês
70 - Geotinto	Geografia
71 - Geobranco	Geografia
72 - Em Busca do Escudo Perdido	Economia

Programa Queima

4 de Maio - Sexta-feira

Dia de Coimbra

- 00h00 Serenata Monumental

- 01h00 Madrugada da Faculdade Cantinas A e Grelhados

Dream Party no Átrio das Químicas

- 14h30 Canto da Sereia Encontro Nacional de Tunas Femininas

- Bungee Jumping no Largo D. Dinis

- Torneio de Paintball

- 21h30 Sarau de Gala no TAGV

- 21h30 Noite de Economia

Rádio Macau, The Gift, EMF

5 de Maio - Sábado

Dia do Pastrano

-15h00 Festival Internacional de Tunas Masculinas

- Torneio de Patinagem

- Passeio Puzzle

- 21h00 Baile de Gala das Faculdades na Brigada Ligeira de In tervenção

- 21h30 Noite de Farmácia

Da Weasel, Killer Barbies, Asian Dub Foundation

6 de Maio - Domingo

Dia do Velho Doutor

- Garraiada no Coliseu Figueirense

- Torneio de Basebol

- 21h30 Noite de Direito

Wray Gunn, Mão Morta, Sneaker Pimps, FAN-–Farra Académica de Coimbra

7 de Maio - Segunda-feira

Dia do Veterano

- Venda da Pasta pelas ruas da Cidade de Coimbra

- 15h00 Verbena no Jardim Botânico

- 21h30 Noite de Ciências

Coldfinger, Blind Zero, Xutos & Pontapés, Estudantina Universitária de Coimbra

8 de Maio - Terça-feira

Dia do Novo Fitado

- 11h00 Queima do Grelo na Sé Nova

- 14h00 Cortejo dos Quartanistas

- 21h30 Noite de Medicina

Baby, Anjos, Ena Pá 2000, Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra

9 de Maio - Quarta-feira

Dia do Novo Grelado

- Chá das Cinco na Brigada Ligeira de Intervenção

- 21h30 Chá Dançante na Brigada Ligeira de Intervenção

- 21h30 Noite de Letras

Ala dos Namorados, Rui Veloso, Jorge Palma, Imperial Tertúlia In Vino Veritas

10 de Maio - Quinta-feira

Dia do Cartolado

- 21h30 Noite de Psicologia e Ciências do Desporto

Balla, Ritual Tejo, Orxestra Pitagórica

Ciclo de Cinema

Cidades em Movimento

Maio traz a Coimbra um conjunto de seis filmes que evocam personagens e vivências marcadas por diversas cidades. A viagem faz escala em Paris, Nova Iorque, Roma, Lisboa, Pequim e Porto. Entre 6 e 26 de Maio no Teatro Académico de Gil Vicente.

"Rostos na Cidade" junta obras de Olivier Assayas, Jim Jarmusch, Nanni Moretti, Eduardo Guedes, Zhang Yang e Jean-Claude Biette. Apesar de não serem propriamente recentes, os seis filmes têm um aspecto em comum: o papel preponderante da cidade.

"Paris Desperta", "Querido Diário", "Pax" ou "Noite na Terra" acentuam a importância de determinados elementos citadinos no destino das personagens. Segundo Luísa Lopes, responsável pelo ciclo de cinema, as imagens das cidades em causa "ilustram pluralidades de vivências e invadem as próprias histórias das personagens que as habitam".

Dos seis filmes escolhidos, apenas "Chuveiro" (1999) e "Três Pontes Sobre o Rio" (1998) podem ser considerados recentes. No entanto, os restantes títulos apresentam igualmente vários pontos de interesse.

A etapa inicial de "Rostos na Cidade" terá lugar no dia 6. Trata-se de "Paris Desperta" (1991), uma das primeiras obras do realizador francês Olivier Assayas, centrada no romance dramático de Clement e Louise. O filme privilegia o lado escuro da cidade-luz, denunciando uma imagem de degradação social, onde a toxicodependência e a promiscuidade assumem um papel de destaque. A música de John Cale compõe o cenário. Assayas estreou o ano passado "Os Destinos Sentimentais", com Emmanuelle Béart, Charles Berling e Isabelle Huppert.

Para "Noite na Terra" (1991), a exibir no dia 7, Jim Jarmusch não escolheu apenas uma cidade mas cinco: Los Angeles, Nova Iorque, Paris, Roma e Helsínquia. Com um elenco de luxo, o realizador de "Ghost Dog - O Método do Samurai" optou por seguir cinco personagens em cinco táxis. O táxi, um pequeno universo onde fica sintetizado o espírito de uma cidade. A cada cidade, corresponde uma personagem e respectiva história: uma agente de talentos (Gena Rowlands) vê na encantadora motorista de táxi (Winona Ryder) a sua mais recente descoberta; um taxista imigrante (Armin Muller Stahl) perde-se na cidade como numa cultura que não conhece; um taxista africano (Isaach de Bankole) e uma mulher cega (Beatrice Dalle) "partilham" experiências; Roberto Benigni é o taxista hiperactivo que aproveita um padre para confessar toda a sua estranha vida sexual; um taxista ouve a história de um dos passageiros apenas para poder contar a sua ainda mais trágica.

D.R.

Querido diário: o olhar de Nanni Moretti sobre Roma

Roma é a cidade onde decorre a acção de grande parte dos filmes de Nanni Moretti. Em "Querido Diário" (1994), o realizador e actor italiano continua o registo de crónica que caracteriza os seus filmes. Com três relatos intitulados "Na Minha Vespa", "As Ilhas" e "Os Médicos", percorre uma cidade que cativa com a beleza dos seus prédios. O filme será exibido no dia 13. Para este ano está prevista a estreia de um novo filme: "O Quarto do Filho".

Cinema de cá e de lá

A presença portuguesa em "Rostos na Cidade" faz-se em forma de homenagem. Tendo estudado na London School of Techniques, Eduardo Guedes dividiu a sua vida entre Portugal e Inglaterra. Este realizador, produtor e argumentista fundou o grupo "Film Action" e foi o responsável pelos filmes "Rocinante" (1987) e "Na Pele do Urso" (1991). Antes de morrer, Eduardo Guedes realizou o telefilme "Facas e Anjos" (2000). No dia 14, será projectada "Pax" (1994) que tem como pano de fundo a noite lisboeta. O filme segue uma turista americana, Franny, que procura encontrar João para lhe entregar uma encomenda trazida da América. Com a ajuda de Esmeralda, uma prostituta, percorre a cidade e vai conhecendo lugares típicos. "Pax" é uma comédia inteligente e discreta e foi nomeada para o Leopardo de Ouro no festival Internacional de Cinema de Locarno. Conta com as interpretações de Amanda Plummer ("Pulp Fiction"), Isabel Ruth, João Lagarto e Manuel João Vieira.

Zhang Yang é considerado um dos líderes da nova geração de realizadores chineses. Depois de realizar videoclips, estreou-se no cinema com "Spicy Love Soup" (1997), um filme bastante premiado. Dois anos depois, surge com "Chuveiro", a história de um pai e dos seus filhos. Após o filho mais velho ter partido em busca de fortuna, o pai e o mais novo, deficiente mental, permanecem em Pequim continuando ligados ao seu trabalho numa grande casa de banhos públicos. Tomar banho é uma parte essencial da rotina quotidiana de toda a gente e é também objecto de uma interpretação subjectiva. De Pequim, às regiões áridas do noroeste da China ou ao planalto do Tibete, "Chuveiro" parte em busca de tradições milenares e consegue ser, simultaneamente, divertido e comovente. O banho está marcado para o dia 21.

Rodado entre Portugal e França, "Três Pontes Sobre o Rio" (1998) é a última proposta do ciclo de cinema "Rostos na Cidade" e será exibida no dia 26. Inédito em Coimbra, o filme de Jean-Claude Biette conta a história de Arthur, um professor de história que vive sozinho em Paris, desde que acabou a sua relação com Claire. Desloca-se a Lisboa para conhecer um importante historiador e leva Claire com ele. Ao seguirem de Lisboa para o Porto, a fantasia de uma segunda lua-de-mel vai dissolver-se... Jean-Claude Biette quis relacionar Porto, Lisboa e Paris através das pontes. Segundo o próprio "todo o trabalho do filme consistiu em estabelecer a função real das pontes na narrativa". Do grupo de actores franceses e portugueses, destaque para Mathieu Amalric, Jeanne Balibar, Sara Paz e Isabel Ruth.

Graças a este ciclo de cinema, será possível aceder a diferentes e interessantes obras de realizadores que, por vezes, são ignorados pelo público em geral. "Rostos na Cidade" tem início no próximo dia 6 e estende-se até ao dia 26. A partida faz-se no Teatro Académico de Gil Vicente, sempre às 21h45. Boa viagem!

João Vaz Silva
Sónia Monteiro

FOTO MONTEIRO

Na revelação de 24 ou 36 fotos oferta de :

*** 1 rolo,**
*** 1 álbum,**
*** 1 Ampliação 20x30**

Brevemente na AAC

Fotógrafo oficial da Queima 2001

Praça do Comércio – 8-1° telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915

Obras na Praça da República obrigam a novo espaço para a feira do livro

Obras e Letras

O pavilhão de Portugal na Expo de Hannover é uma das hipóteses para a instalação permanente da Feira do Livro. Contudo, as entidades municipais preferem manter a questão em aberto.

A feira do livro costuma decorrer na Praça da República. Contudo, as obras que se irão realizar exigem que se comece a pensar num novo espaço. A comissão organizadora ainda não tem uma resposta definitiva, mas gostaria de aproveitar o espaço que uma hipotética transferência do pavilhão de Portugal que está em Hannover, para Coimbra, poderia proporcionar. Contudo, não são só facilidades.

A feira do livro, que se tem situado numa tenda na Praça da República, vai ter que mudar de sítio. Imperativos de força maior assim o exigem: obras na referida praça no sentido de criar um parque subterrâneo. Os consequentes condicionamentos parecem colocar um grave problema: ninguém sabe onde irão ser realizadas as futuras feiras do livro. A CABRA encontrou um projecto por parte da comissão organizadora da feira do livro, mas uma resposta pouco positiva por parte de Teresa Portugal, vereadora da cultura da Câmara Municipal de Coimbra.

Para Mateus Barreirinhas que pertence, há já quatro anos, à comissão organizadora da feira do livro. esta tem corrido bastante bem este ano: "Em termos de afluência, há muita gente, especialmente jovens. Desde que abrimos até agora, penso que a afluência foi superior aos outros anos". Não é, portanto, com o público, nem com o sucesso da feira, que se prendem os maiores entraves à realização deste evento, mas sim com a forçosa transferência da feira para outro local, quando as obras começarem. O optimismo não é muito visível, uma vez que para além de não existirem muitos mais espaços capazes de suportar uma iniciativa como esta, as pessoas parecem estar habituadas à praça e gostam pouco destas andanças: "Coimbra é muito sui generis. Fizemos a experiência e durante dois anos a feira realizou–se no parque Manuel de Braga e não surtiu efeito, a cidade não correspondeu às expectativas que os organizadores tiveram. Não se deslocou. O ponto fulcral é sempre a Praça da República. É difícil deslocar as pessoas. As obras vão trazer alguma problemática em relação à futura instalação da feira do livro. Para já é uma incógnita, mas a feira do livro não vai acabar. Vamos fazer todos os esforços para cativar o público para ir connosco. Era bom que a feira do livro e os outros eventos acontecessem todos no mesmo local."

Tenda instalada na Praça da República onde tem decorrido a Feira do Livro

Em relação ao futuro Mateus Barreirinhas afirma desejar que a feira se venha a realizar no Pavilhão de Hannover. Contudo, essa transição não se afigura fácil: "Não sei se seremos capazes de fazer a transição entre a praça e esse novo espaço. Não sei até se consigo transportar o público até lá. Coimbra gosta de tudo ao pé da porta e como o pavilhão, se vier, se situará na margem direita do Mondego, vai ser difícil." Porém a proposta de transferir a feira para lá ainda não surgiu: "a proposta está na minha mente", afirma Mateus Barreirinhas.

Quem não parece corresponder aos sonhos da comissão organizadora da feira do livro é Teresa Portugal, vereadora da cultura da Câmara Municipal de Coimbra: " A decisão de trazer para cá o pavilhão nem está ainda oficilizada, mas têm havido diligências nesse sentido. Contudo, estas coisas levam o seu tempo. Se o pavilhão vier para Coimbra virá com um projecto. As pessoas não precisam de se estar a preocupar com a ocupação desse pavilhão. Portanto, a circunstância de transferir para lá a feira do livro, caso a Praça da República entre em obras, não se ajustará de maneira nenhuma."

Para já ficará, então, sem resposta a manifesta necessidade de se encontrar um espaço adequado para a realização da feira do livro na cidade de Coimbra.

Maria João Lopes

O outro lado da solidão

Linha SOS Estudante comemora quatro anos de existência

A funcionar há mais de quatro anos, a linha SOS Estudante é uma das poucas secções da Associação Académica de Coimbra que trabalha todos os dias, entre as 20 e a 1h, através do telefone 808 200 204.

O outro lado da solidão não julga, apenas oferece o ouvido a quem procura um ombro, escuta empaticamente com a certeza do anonimato e confidencialidade. Até porque, por vezes, não parece haver ninguém à nossa volta, seja para esclarecer uma dúvida, ajudar ou, muito simplesmente, ouvir. É aqui que encontramos a razão de ser desta linha de informação, prevenção ao suicídio e apoio emocional em situações de crise.

Se consultarmos as últimas estatísticas, em Portugal três jovens tentam o suicídio a cada dia que passa e por mais chocante e constrangedor que possa parecer, cada um deles avisa antes de o fazer. Os mitos construídos acerca da interrupção voluntária da própria vida nem sempre correspondem à verdade crua dos factos e situações constatadas.

Quanto aos problemas pessoais, sociais e emocionais, esses surgem quando menos se espera.

Com cerca de trinta voluntários activos, esta linha tem–se debatido com várias dificuldades, sobretudo financeiras; contando com um número azul (preço de chamada local para quem telefona em qualquer ponto do país), a diferença entre a taxa local e interurbana (e são muitos os apelantes nacionais) é suportada pela própria estrutura financeira que conta com escassos apoios que quase nunca chegam para as necessidades.

Os voluntários são estudantes que, após uma formação intensiva em várias áreas, usam as palavras, a voz e os silêncios para ajudar cada um a encontrar o seu próprio caminho.

"É difícil, numa chamada de poucos minutos, solucionar um problema que se pode arrastar há anos, não fazemos milagres e muitas vezes ficamos sem saber se realmente ajudámos... Damos o nosso melhor e temos as nossas limitações, como qualquer ser humano", conta–nos um voluntário da linha SOS Estudante. "Actuamos quando o apelante quer e enquanto quer. A realidade é mais negra do que esperávamos, e se por um lado seria de uma incompreensível frieza desligar o telefone e não pensar mais no assunto, por outro seria extremamente violento deixar que nos afectasse quando temos a nossa própria vida e outra chamada pela frente. Há que procurar o ponto de equilíbrio. Respira–se fundo e voltamos a ser o outro lado da solidão". Confrontado com a necessidade de ocultar a sua actividade dos que o rodeiam para manter o anonimato, o mesmo elemento refere ser sempre "difícil sentirmo–nos realizados ou preocupados e não poder falar em casa ou no grupo de amigos, mas é para isso que servem as constantes reuniões entre os voluntários, para tentarmos melhorar constantemente o nosso desempenho e para termos o nosso próprio espaço de discussão" .

As velas do quarto aniversário foram sopradas ao sabor de um debate no passado dia 26 de Abril sobre a "Incomunicabilidade na era da comunicação" com as presenças de Francisco Amaral da TSF e do sociólogo Elísio Estanque que, perante o foyer do Teatro Académico de Gil Vicente, reflectiram sobre o rumo dos meios de comunicação e das relações humanas num quotidiano cada vez mais efémero e impessoal, ao ritmo do tic tac do relógio.

Segundo Inês Costa, coordenadora do projecto, "num universo onde se pretende que as pessoas se sintam acompanhadas, compreendidas e aceites, não existem rótulos previamente definidos nem fórmulas secretas para a solução de um problema. E, para este grupo de voluntários, o quarto aniversário bem poderia ter como prenda um maior apoio financeiro que mantenha a linha activa e em condições de soprar muito mais velas".

Hoje, amanhã, depois de amanhã e nos dias seguintes, entre as 20h00 e a 1h00 alguém estará do outro lado da linha SOS Estudante, pronto para ouvir, à distância de nove dígitos: 808 200 204.

Hugo Ferreira

Biblioteca Geral com problemas de espaço

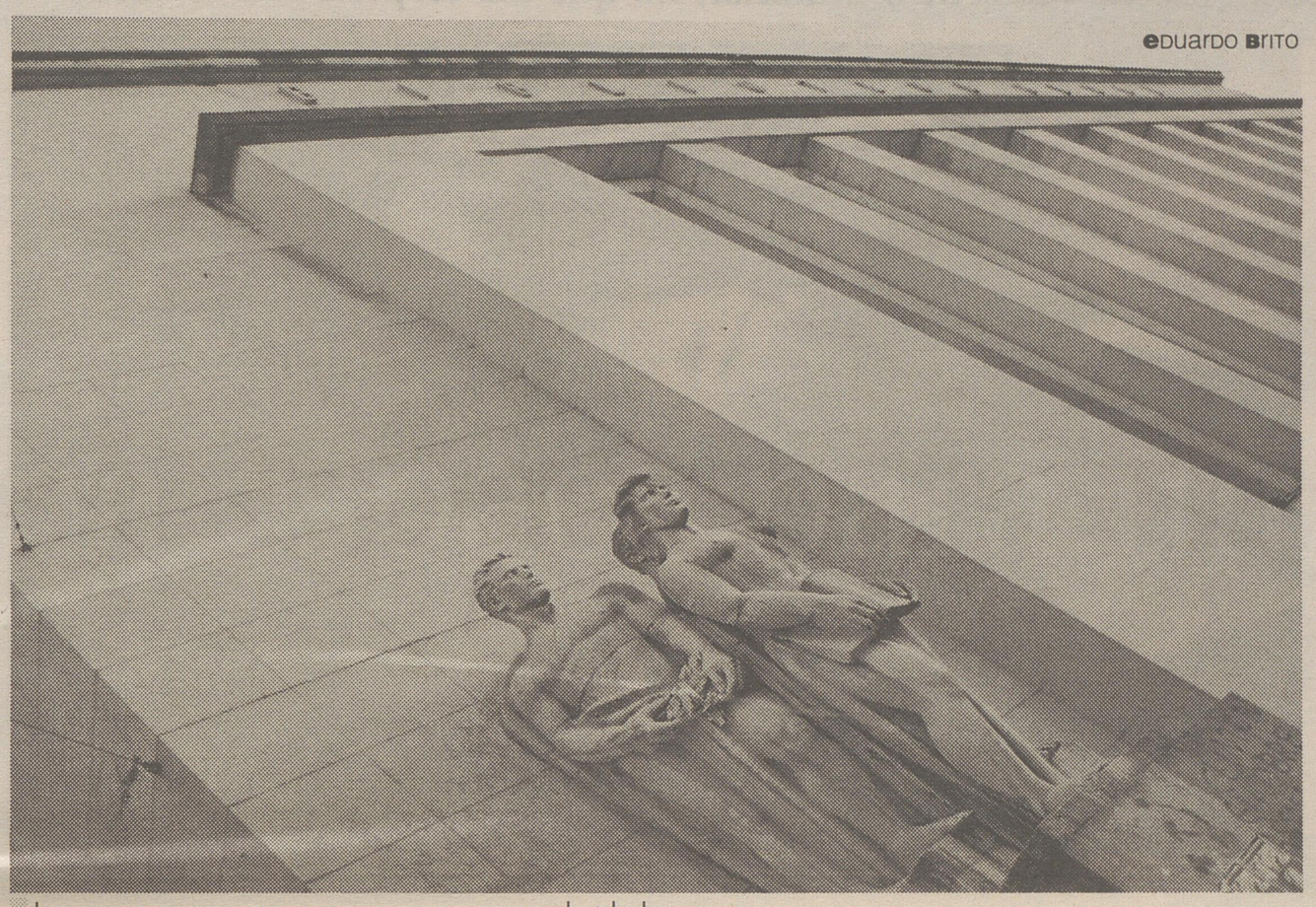
"Não há espaço para um ano"

Milhões de documentos e livros começam a sobrelotar um arquivo com quase 40 anos de existência. O ritmo de chegada de novos volumes preocupa o director da Biblioteca Geral.

A Biblioteca Geral tem problemas de espaço. Apesar de terem existido alguns projectos no sentido de resolver esta situação, ainda não foi encontrada uma solução definitiva.

Em 1962 realizava–se a inauguração das actuais instalações da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Presentemente, divide–se por dois edifícios, a Biblioteca Joanina (onde se guardam os acervos bibliográficos anteriores a 1800) e o edifício novo, onde se concentram os serviços e a maior parte dos seus fundos, cerca de um milhão de documentos. Agrega também o Arquivo da Universidade, depositário da riquíssima documentação produzida e recebida pela Universidade de Coimbra.

A Biblioteca Geral, nas palavras do director Aníbal Pinto de Castro, "cresce 600 metros de estante por ano". Por estar ao abrigo da Lei do Depósito Legal, a Biblioteca Geral recebe um exemplar de todos os livros editados em Portugal, dentro da selecção literária previamente realizada. Actualmente, o ritmo da chegada de obras não é acompanhado pela disponibilidade de espaço físico, tendo como consequência, segundo a afirmação elucidativa do director da Biblioteca Geral, "neste momento já não há espaço para um ano".



eduardo brito

Livros a mais num espaço que acusa o peso da idade.

As diligências levadas a cabo pelo director perante a Reitoria têm sido infrutíferas. Os projectos apresentados ao longo destes últimos anos não se efectuaram.

Foram considerados como hipotéticos espaços arquivísticos o Colégio da Trindade, a Faculdade de Farmácia e a de Medicina. No entanto, o projecto possivelmente definitivo, será a construção de um edifício especificamente construído para depósito de "jornais mortos", colecções de pouca ou nenhuma consulta ou obras desactualizadas.

Este novo edifício terá como primeiro requisito ocupar uma área próxima do Pólo I, "a fim de permitir uma permuta fácil e eficaz entre os dois edifícios". Entretanto, e enquanto o projecto não é concretizado, os esforços pela rentabilização do espaço são desmedidos. Neste momento, a única solução encontrada é a reconversão e reprodução de documentos em microfilmes (através do permanente contacto com a Biblioteca Nacional, com a qual mantém uma óptima relação), além de preservar e facilitar as consultas permite "economizar" o espaço de que se dispõe. Daí a participação em iniciativas internacionais com outras bibliotecas a fim de alargar o espólio documental da Biblioteca.

O "funcionamento normal" da biblioteca é garantido por 70 funcionários. "Na reconversão dos catálogos relativos a 3 milhões de volumes tornam–se insuficientes". Eis mais um problema a resolver.

Ainda, segundo o testemunho do director, as condições oferecidas aos utilizadores neste espaço, principalmente na sala de leitura, "são péssimas", no que toca ao sistema de aquecimento. Está em fase de análise, também, um projecto, para colmatar esta falha. O acesso directo à leitura é outro desígnio do director. Neste momento está a preparar-se uma sala que permitirá aos leitores o acesso rápido a determinada documentação seleccionada pela instituição.

Helena Marques

O papão em cena

Nova peça do Teatrão no Cine–Teatro S. Teotónio

O Teatrão - Teatro para a Infância de Coimbra estreou no passado dia 24 de abril o espectáculo "O Ogrezinho" no Cine–teatro S. Teotónio. A peça manter–se-á em cartaz até ao fim do corrente mês, dirigida a crianças a partir dos quatro anos de idade.

A peça conta a história do filho de um ogre que decide fugir ao seu destino, remetendo–nos desde logo para o mundo dos contos até porque os ogres só existem mesmo nas histórias. As forças do bem e do mal que existem dentro de cada um de nós dão forma ao dilema vivido por David Cruz no papel de Simão.

Uma casa numa densa floresta, uma escola no início do caminho, legumes ao almoço e ao jantar, um cheiro a sangue intenso, eis a abertura da peça.

O apelo de instintos, a confusão de desejos, o apetite por carne fresca herdado do pai, a vontade de viver em paz com o mundo, tal como a mãe, são factores intrínsecos à conturbada personalidade de Simão.

O refúgio da sua mãe, personagem interpretada por Isabel Craveiro, no seio da floresta, como forma de evitar tudo o que fosse de cor vermelha, funciona como argumento de peso para convencer Simão da necessidade de vencer as suas próprias batalhas. Um pormenor interessante centra–se no facto desta excluir a melancia da alimentação doméstica, somente por esta ser vermelha no interior e consequentemente remeter para o sangue.

O direito à diferença, a capacidade de preservar a natureza e de respeitar os animais e a necessidade que uma criança tem de, apesar de ser diferente, concretizar os mesmos desejos e os mesmos sonhos que todas as outras, são algumas "morais" que podemos retirar da história.

Com tradução, adaptação e encenação de Deolindo Pessoa a partir do original "L' Ogrelet" de Suzanne Lebeau, esta é a terceira peça da autora estreada entre nós, depois de "Uma Lua entre duas casas", "História do dia e da noite", o "que revela uma certa empatia com os textos da autora", segundo Deolindo Pessoa. Ainda que este assuma que a tradução exige uma grande capacidade de interpretação que permita encontrar todo o "jogo de sonoridades subjacentes ao original".

"O espiríto da peça, a linguagem fácil e corrente", mantendo contudo a "vivacidade do original", são portanto valores essenciais a preservar na adaptação do texto a uma realidade cultural diferente.

"O Ogrezinho", estreado mundialmente em 1997, foi distinguido com o prémio da Académia de Teatro do Quebeque 2000 e também com o Prémio Teatrália.

No âmbito desta peça, a Delegação Regional da Cultura promove até dia 5 de Junho um concurso de desenho e reescrita da história para os alunos que assistirem à representação. O objectivo é estimular a criatividade e a imaginação sobre um objecto artístico.

Este espectáculo, a primeira produção do Teatrão em 2001, pretende, como a generalidade das iniciativas da instituição, promover uma aproximação das animações junto das escolas e de outros estabelecimentos. Para este ano estão ainda previstas actividades do genéro no Instituto Português da Juventude e no INATEL, que serão o culminar de todo o trabalho desenvolvido neste semestre.

O grande projecto do segundo semestre é ainda um incógnita só passível de resolução após o balanço das receitas obtidas com esta produção.

O corte de subsídios do Instituto Português de Artes do Espectáculo e a quase total dependência de apoios autárquicos aliada à falta de um espaço próprio, são as principais dificuldades com que se debate o Teatrão. Contudo, e contrariando todas estas adversidades, a obra continua bem visível para gáudio de todos nós.

Marta Melo
Pedro Miguel Ramos

Vários estilos e registos poéticos convergem para Coimbra

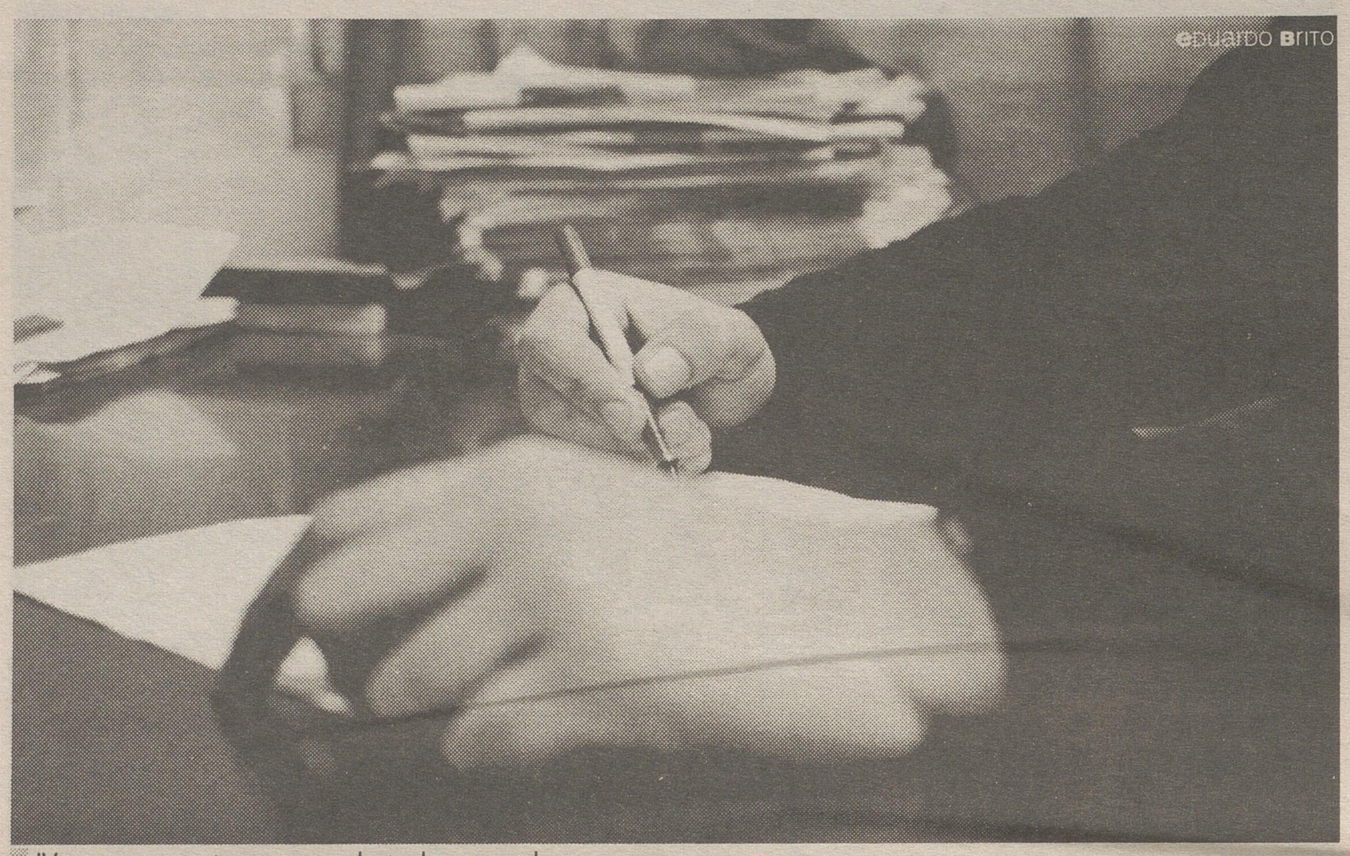
Poetas do mundo, uni–vos

Nascido como forma de trazer a "poesia viva para dentro da Universidade", o Encontro Internacional de Poetas tornou–se num acontecimento de referência mundial, no que diz respeito à arte de escrever em verso (ou não).

Pouco mais de 50 poetas de 18 países irão recitar a sua poesia em vários locais de Coimbra, tais como o Café Santa Cruz, Biblioteca Joanina, Jardim da Sereia, dependendo outros espaços do número de inscritos e da disponibilidade logística das instituições. Uma das organizadoras do evento, Graça Capinha, explicou à CABRA o que o público pode esperar do certame.

Realizado trienalmente desde 1992, esta professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) classifica o acontecimento como uma "celebração da poesia". A iniciativa partiu da também organizadora, Irene Ramalho, e pode ser vista como um grande banquete em que os criadores e o público podem saborear os versos e apreciar a poesia do mundo. Como adianta a própria, a unicidade do certame reside em "misturar línguas, tradições, níveis e prestígios diferentes". E acrescenta que não está a ser "imodesta" porque são os "próprios poetas a dizerem isso".

Na óptica de Graça Capinha, o sucesso crescente deste encontro, surpreendente para a própria organização, resulta de vários factores. Um deles prende–se com a aposta em leituras públicas por parte dos próprios poetas. Assim, nomes como António Ramos Rosa ou Fiama Hasse Pais Brandão leram poesia em público pela primeira vez nos primórdios do evento.



IV encontro reúne poetas de todo o mundo

Outra mais–valia é o entusiasmo demonstrado não só pelos alunos da universidade, mas ainda mais pelos poetas estrangeiros que visitam Portugal de propósito para este acontecimento. Alguns sem receberem honorários, tendo só como garantias da organização o pagamento das suas viagens e estadia.

Nomes sonantes

Graça Capinha salienta um rol de instituições a apoiarem a iniciativa, com destaque para a Reitoria da Universidade, o Conselho Directivo da Faculdade de Letras e a Fundação Luso–Americana para o Desenvolvimento, a par de outras. A nível camarário, a ajuda "estava para ser mais pequena", mas sempre se conseguiu algo, como afirma esta organizadora.

Nomes como John Ashbery e Tony Harrison irão ombrear com a prata da casa: José Saramago, Ana Hatherly, Egito Gonçalves e Adília Lopes, entre muitos outros poetas. Contudo, poetas jovens estarão em igualdade de circunstâncias, pois os organizadores também apostam em divulgar os novos valores do discurso poético nacional, como por exemplo Valter Hugo Mãe. Outra faceta deste próxima encontro é a maior abertura a poetas dos países de língua oficial portuguesa.

Falando a título pessoal, acha "confrangedor" a imagem interna da poesia nacional. E reforça esta posição com as palavras de Boaventura Sousa Santos, que acusa alguns intelectuais de sofrerem de "cegueira iluminada". Para tal, aponta como exemplo a pouca ousadia editorial da maior parte das editoras nacionais, em que "faz falta espaço para a diferença, para a inovação". Outra agravante mencionada é o macrocefalismo cultural em que "só as coisas que acontecem em Lisboa têm grande visibilidade". Uma saída airosa para esta questão melindrosa mas actual, passa por uma maior exposição nacional do discurso poético, refere Graça Capinha.

Entre os dias 27 e 30 de Maio, a concentração de várias estéticas é um dos argumentos para aguçar o apetite dos amantes da poesia, e não só. O encontro começa no dia 26, com a apresentação de uma acção de rua em colaboração com a Escola da Noite, que vai encenar vários "happenings" pela cidade. No dia seguinte, a manhã será marcada por um doutoramento "honoris causa" do poeta Harold Blooms a que se seguirá a inauguração oficial. Os interessados em insrever-se no certame deverão dirigir-se ao Instituto de Estudos Norte-Americanos na FLUC.

Helder Silva Dantas

Maio, maduro Maio

De Maio a Julho, Coimbra, Abril e liberdade no palco do Teatro Académico de Gil Vicente.

Coimbra não perdoa. Gerações a darem voz ao fado, essa "dor" que é de todos, e poucos conseguem quebrar a mística das "capas negras". Um vulto, envolto pela batina como a lua pela noite, a guitarra chorando três lágrimas e a imobilidade do destino pela nostalgia. Um vulto. Talvez porque a alma não tem nome e o fado seja um grito da alma.

Mas Coimbra também não esquece. O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) será palco, entre 29 de Maio e 3 de Julho, do 1º Festival José Afonso, naquela que será a homenagem merecida da cidade e da Academia ao "trovador da liberdade", o arauto de Abril, um dos poucos (a par de Adriano Correia de Oliveira ou de António Portugal) cujo nome se conseguiu sobrepor à mística das "capas negras".

O Festival, organizado pelo TAGV em parceria com a Casa Municipal da Cultura, preencherá o palco do Gil Vicente nas noites de Terça–feira compreendidas entre as datas acima avançadas. O evento, a ser formalmente anunciado em conferência de imprensa numa das próximas semanas, irá contar, pelo que A CABRA conseguiu apurar junto de Isabel Gaspar, coordenadora do projecto, com grandes intérpretes do cancioneiro do autor da "Grândola".

Zeca Afonso, recorde–se, cresceu para a música e para a liberdade em Coimbra. Nascido em Aveiro a 2 de Agosto de 1929, e depois de curtas passagens por Angola e Moçambique, José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos assoma a Coimbra em 1940. Nove anos depois, e após a passagem pelo Liceu D. João III, Zeca Afonso matricula–se no curso de Ciências Histórico–Filosóficas, na Faculdade de Letras.

Quis o "fado" romper com justiça na voz de Zeca Afonso e, em 1953, Zeca grava os seus primeiros dois discos de fado de Coimbra, os primeiros de uma vasta discografia que percorre diversas áreas musicais: desde as baladas de Coimbra, à musica tradicional portuguesa, passando mesmo pela produção de música para teatro.

Mais que o músico, o 1º Festival José Afonso pretende homenagear o homem que fez Abril de madrugada, antes mesmo de Abril o ser; o homem que face à "castração" imposta pela censura espalhou ao vento "Os Vampiros", um "Avô Cavernoso" ou um "Redondo Vocábulo" contra a opressão; o homem que um dia disse: "Admito que a revolução seja uma utopia, mas no meu dia–a–dia procuro comportar–me como se ela fosse tangível. Continuo a pensar que devemos lutar onde exista opressão, seja a que nível for".

Marco Carvalho
João Pedro Marques

Música

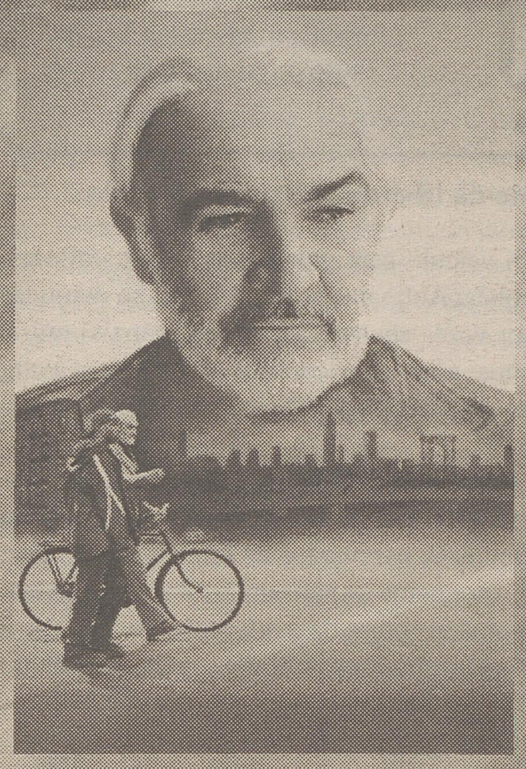
Concertos

Festival Zeca Afonso - Maria del Mar Bonet + Amélia Muge

TAGV.29 de Maio, 21h45

Queima das Fitas

4 a 10 de Maio



Cinema

Cinemas Millenium

"A sombra do vampiro"

Cine teatro.14h00, 16h00, 18h00, 20h00 e 22h00 (todos os dias)
00h00, às quartas, sextas e sábados

"Descobrir Forrester"

Sala 1.13h50, 16h30, e 21h50 (todos os dias)
00h15, às quartas, sextas e sábados

"Resistir-lhe é impossível"

Sala 2.14h015, 16h45, 19h15, 21h45 (todos os dias)
00h30, às sextas e sábados

Castello Lopes

"Resistir-lhe é impossível"

Sala 1.14h30, 17h00, 19h00, 21h30

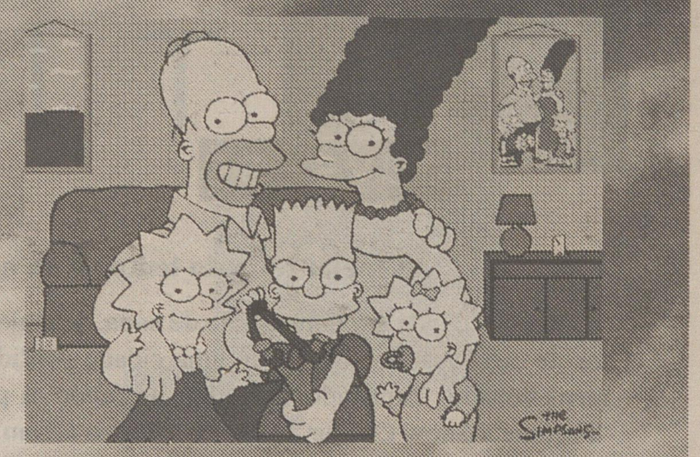
"Descobrir Forrester"

Sala 2.14h15, 16h45, 19h15, 21h45

Teatro Académico de Gil Vicente

Ciclo de cinema "Rostos na cidade"

6,7,13,14 e 21 de Maio



Televisão

Onda-Curta

Domingos na RTP 2, 20h30

Os Simpsons

Segundas na RTP 2, 21h15

Luís de Matos ao vivo

Segundas na RTP 1, 22h00

"Ally Macbeal"

Terças na TVI, 00h35

Mr Bean

Segunda a Sexta na RTP1, às 21h05

Fenómeno

quartas, RTP2 23h00

Exposições

"Sparring partners vs Tone scientists"

Parque de Santa Cruz.Até 26 de Maio

"Há músicos invisíveis na cidade"

Sala de cidade, Palácio Sacadura Botte, Colégio das artes e Universidade de Coimbra
até 13 de Maio

"Cores primaveris" *exposição colectiva de pintura de artistas plásticos*

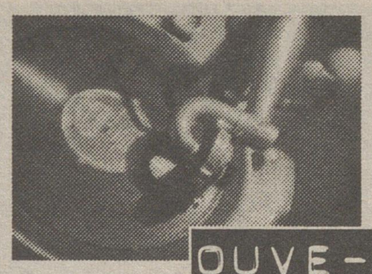
sala de estar do Hotel D. Luís
até 8 de Maio

www.fct.uc.pt/alunoscd

Fórum de discussão Informações úteis Sondagens Projectos e actividades

A página dos alunos do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências e Tecnologia

artes



OUVE-SE

A melancolia do tempo e da noite

Madrid e toda uma imensidão de nada, despojos de aridez, elementos de desolação, a solidão de uma cidade perdida na noite, dois homens bêbados esquecidos da vida... ao fundo os primeiros acordes de "Fortune's Show Of Our Last", do terceiro álbum do projecto Migala.

No país do flamenco e de uma alegria generalizada, os Migala, colectivo de seis músicos espanhóis, apresentam no novo álbum "Arde" uma poesia nocturna que transborda melancolia, tragédia e saudade, feita de gestos sem pressa e de uma incessante busca de tranquilidade. "Arde" é um conjunto de pequenas histórias feitas de múltiplas sonoridades que compõem um imaginário onde o tempo atravessa a noite e em que a cada momento somos confrontados com verdadeiros ambientes cinemáticos, cujo quase realismo assenta num inteligente (mas moderado) recurso aos samplers.

Os Migala desenvolvem uma sonoridade onde os mais atentos irão descobrir inúmeros pontos de contacto com alguns nomes de culto como será o caso de Leonard Cohen, Nick Cave ou Tindersticks, sendo que esta musicalidade, repleta de influências, reflecte uma profundidade e simplicidade lírica desarmante. Os arranjos, de uma qualidade inquestionável, são elemento preponderante na construção desta música calma, arrastada, feita de crescendos e plena de derivações paisagísticas.

Sons sussurrados, um crooning próximo da estética tinderstickiana, um spoken word na linha de Nick Cave, o violoncelo arrastado e pesaroso, guitarras melodiosas e o acordeão fazem de "Arde" um trabalho extremamente recomendável para quem gosta de sonoridades melancólicas e taciturnas.

Tiago Marques
Filipe Damil Vicente

Migala

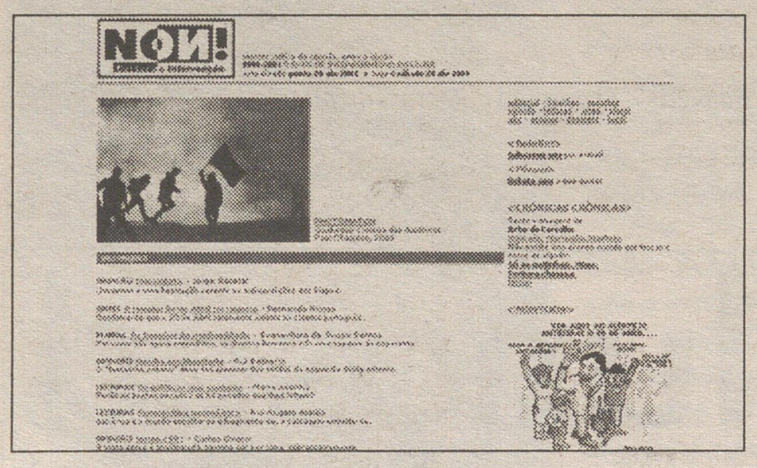
"Arde"
Acuarela (2001)

A_MINHA_NET

o universo da comunicação

www.zonanon.com

Num universo mediático onde a reflexão crítica sobre a realidade é cada vez mais rara, a zonanon é uma ilha de inconformismo. No "site" coordenado por Rui Bebiano, pro-



fessor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o pensamento único não tem lugar.

De destacar o "ABC do inconformismo", um rol de biografias e textos acerca de poetas malditos, escritores subversivos ou movimentos que passaram ao lado dos holofotes da História. Textos de opinião diversos, análises lúcidas e crónicas sobre média, cultura, política e sociedade num ritmo compassado que deixa respirar o pensamento com actualização regular.

www.bocc.ubi.pt

O conceito de comunicação assume nos dias que correm uma abrangência cada vez mais ampla e difusa. Quando tudo é comunicação, a "Biblioteca Online de Ciências da Comunicação" com sede na Universidade da Beira Interior é o espaço onde se esgrimem os argumentos teóricos sobre o "Admirável Mundo Novo" da ética, arte e sociedade, cibercultura, cinema, jornalismo, fotografia ou hermenêutica. Centenas de textos de académicos portugueses e brasileiros estão disponíveis e apetecíveis para imprimir, ler e reflectir.

www.estuda.net

À partida, o nome do site pode assustar. Não, não se trata de mais um site onde estão inscritas as mil e uma maneiras de rentabilizar o estudo. É, antes, um portal de notícias sobre educação e temas relacionados com o ensino superior . O "estuda.net" rege-se pelos critérios clássicos do jornalismo, pelo que ganha em credibilidade quando comparado com outros "sites" do género. Os artigos sobre as várias academias e universidades do país predominam sem esquecer informações úteis e crónicas. O projecto é recente, mas o fôlego inicial deixa antever um futuro interessante.

José Carlos Santos

Antibalas Afrobeat Orchestra

"Liberation Afrobeat Vol 1"
Ninja Tune (2001)

O primeiro volume da liberdade à prova de bala

A música poderá ser um veículo para unir povos, raças, culturas, crenças? A orquestra de afrobeat Antibalas prova que sim ao conjugar de forma consensual 14 (por vezes chegam a ser muitos mais) músicos latinos, brancos, africanos, afro-americanos e asiáticos em volta de uma das figuras que mais influenciou o último meio século musical: Fela Kuti.

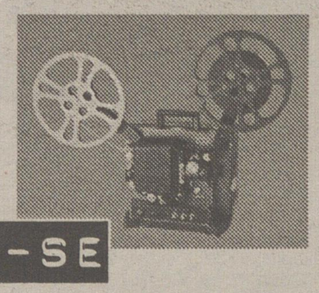
Dissidentes dos projectos Daktaris e The Soul Providers este colectivo nova-iorquino conduzido pelo mexicano Martin C-Perna agrupa desde 1998 instrumentistas habituados às linguagens do jazz experimental, reggae, funk ou samba. Analisam o fenómeno Afro-funk como sendo uma genuína aventura de exploração de técnicas e métodos de composição do padrinho espiritual nigeriano, através do conhecimento geracional transmitido pelos seus antigos discípulos e co-inspiradores. A textura musical é complexa e composta por secções de metais e sopros, baixos, guitarras, percussão e teclados. Nesta amálgama cada instrumento respira e é peça essencial de um mosaico com funções rítmicas e melódicas plenas das vibrações positivas de uma jam session interminável.

Para além da energia que emana da matriz polirrítmica vintage dos Antibalas surgem letras furiosas atacando o sistema capitalista desumano e incitando à insurreição em inglês, yoruba e espanhol, como que despertando o ouvinte para uma consciência política e social contra a inércia enquanto este pensa que está apenas ocupado a dançar.

Existe uma certa religiosidade neste projecto que leva a crer que jazz, o highlife, os ritmos latinos e tradicionais africanos suados têm uma outra frescura com esta nova geração de músicos.

Rui Caniço

Feitas



a sombra do vampiro - e.elias merhige

"Our battle, our struggle, is to create art. Our weapon is the motion picture. Our poetry, our music, will have a context as certain as the grave." (John Malkovich/F. W. Murnau)

A mania dos "remakes" em Hollywood parece longe de se extinguir. Porém, a razão de ser desta obra transcende a mera cópia de uma obra prima cinematográfica: "Nosferatu" (1922), de Friedrich Wilhelm Murnau. A rodagem deste clássico filme surdo, seminal no género do terror, é questionada pelo argumento de Steven Katz. A premissa absurda sobre a qual assenta o cerne de "A Sombra do Vampiro" é que o actor original (o misterioso Max Schreck) era de facto um vampiro.

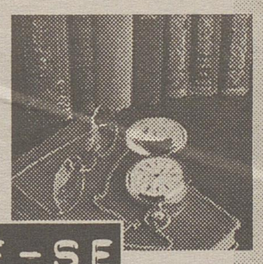
Outro aspecto a ponderar é o de identificar o verdadeiro sanguessuga da obra: Se o realizador que sacrifica a sua equipa de filmagem e os actores pela sua "ciência", se a criatura vampiresca que obedece a um instinto sobre–natural. Qual dos dois é o maior monstro? Qual é o mais impiedoso e "sanguinário"? Assim, há uma grande concentração fílmica nas tensões dos protagonistas com os restantes elementos da equipa de filmagem. E as maiores inovações narrativas deste filme são justamente no enquadramento dessas emoções.

O filme consegue captar a essência visual da primeira obra, tanto através da intercalação coerente de filmagem a cor e a preto e branco, como através de um "pastiche" bem conseguido de cenas copiadas do original. Portanto, a vampirização é também fílmica. O belo genérico é mesmo um prenúncio, de estilo expressionista, do ambiente que vamos encontrar e que realça alguns pormenores mais estéticos da realização de Merhige.

Falando dos actores, temos dois grandes desempenhos: John Malkovitch e Willem Dafoe. O primeiro encarna o próprio Murnau, realizador obsessivo e perfecionista, cuja fixação megalómana por esta obra leva-o a contratar o vampiro. Todavia, ocultando a sua identidade verdadeira sob a capa de um actor de método da escola de Stanislavsy. Dafoe é o misantrópico Conde Orlock, que alterna entre um registo tragi–cómico e um estilo sombrio e sinistro. A sua excelente caracterização (alvo de uma nomeação dos Oscares) torna-o quase irreconhecível. Os maneirismos e as idiossincrasias geniais adensam a sua personagem e conferem–lhe contornos de uma metáfora volúvel da gula, luxúria e ganância humana. O semblante feral imbui–se de uma angustiante, mas arcaica tristeza ao ver–se confrontado com a sua presente condição de vagueador de um mosteiro degradado.

"A Sombra do Vampiro" caracteriza–se por ser uma comédia de terror, sem ser muito jocosa nem nunca ser terrificadora. O meio termo adoptado pelo argumento torna a capacidade de sedução do filme quase subliminar. Esta identidade ambígua mitiga a qualidade e não corresponde às expectativas dos cinéfilos que já viram o original de Murnau. Obras–primas sempre forneceram matéria prima para a adoração das cópias.

Helder Silva Dantas



"perto do coração selvagem"
clarice lispector
ed. relógio d'água

"É que tudo o que eu tenho não se pode dar. Nem tomar. Eu mesma posso morrer de sede diante de mim. A solidão está misturada à minha essência". (p. 180)

A estreia literária de Clarice Lispector, em 1944, com este primeiro romance surpreendente, abalou a literatura brasileira, até então profundamente comprometida com a questão da "brasilidade", a que estavam intrinsecamente ligadas a corrente modernista (pela busca de uma identidade nacional) e a chamada "regionalista" (que, pelo realismo social, procurava retratar parcelarmente um país). A grande inovação de Lispector consiste na criação de um espaço autónomo, de uma obra pessoal, independente e, ao mesmo tempo, universalista - não uma linguagem descomprometida, antes uma linguagem comprometida com o espaço individual, íntimo, de cada ser. Toda a obra clariciana se construirá com base neste compromisso do ser humano consigo mesmo. A procura da noção de identidade percorrerá todos os seus romances e contos - uma procura que cada personagem tem de fazer no interior da sua consciência, na sua memória, nas suas raízes. Assim sucede neste romance de estreia com a personagem Joana, heroína em busca de si própria nos meandros do pensamento e do passado.

Perto do Coração Selvagem está dividido em duas partes: uma de pura reflexão da heroína, a outra assente numa trama narrativa que serve o mesmo intuito. No entanto, a escrita de Clarice Lispector não será nunca puramente narrativa: o seu valor reside exactamente na transcendência de uma acção, na excepcionalidade de uma escrita que se quer expressão dos pensamentos mais profundos das personagens. Clarice é uma escritora do instante revelador; nela, a palavra alcança uma dimensão poética - e maldita. Assim, a leitura que dela se fizer não poderá estar presa a um fio narrativo excessivamente delineado. A obra serve a personagem, não a acção. E deste romance dir–se–ia que há uma personagem apenas, Joana, ainda que para a sua definição concorram os demais. O mundo inteiro, aliás, por externo, servirá a Joana na sua busca de si mesma. A sua estranha forma de se relacionar com esse mundo passa por um sentimento de ternura para com as coisas que existem ("Piedade das coisas que acontecem sem que eu saiba" - p. 21), sentimento esse que lhe permite amar essas coisas. "Por que surgem em mim essas sedes estranhas?" (p. 66), indaga–se Joana - e é pela pergunta que vai buscando uma resposta que a situe de alguma forma no mundo, que lhe devolva com paz a terrível sensação de se encontrar "viva" ("Quando me surpreendo ao fundo do espelho, assusto–me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto–me espalhada no ar, passando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma." - p . 67).

Essa busca coloca-a permanentemente de encontro ao seu passado: a infância de descobertas surpreendentes com o pai, onde se dão os principais momentos de revelação, a mudança para casa de uma tia, onde sente o seu mundo deslocar–se para fora de si, um encontro com um professor que consegue alcançar o espaço interior de Joana, e, por fim, o casamento com Otávio. É neste ponto que encontramos a protagonista em busca da "continuação do que ela iniciara quando criança" (p. 23), mas em confronto directo com personagens que parecem negar essa continuação: Otávio, homem a quem o mundo de Joana atemoriza por temer ele mesmo o seu próprio pensamento, as palavras, a sua consciência; e Lídia, sua amante grávida, que, pela sua concretude e linearidade, resulta como antagónica à protagonista. Joana sente–se na iminência de uma escolha. Mas, encarada sempre como aquela que não teme (e a sua coragem será conectada com a maldade pelos demais - "o que é que se consegue quando se fica feliz?", questiona, quando ainda criança), não temerá buscar–se para além das palavras permitidas, para lá de fronteiras, perto do coração selvagem - e esta é já uma escolha.

Gonçalo Duarte

Surdez em debate

Discutir o apoio aos estudantes surdos é a proposta do colóquio "Surdez e Língua Gestual", organizado pelo Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação da AAC. A ter lugar no Instituto Português da Juventude, este evento pretende abordar as várias implicações na educação de alunos surdos, tais como a questão "O que é um surdo?" ou a defesa do ensino da linguagem gestual portuguesa como primeira língua.

Uma das características deste colóquio, nas palavras de uma das organizadoras, Rosa Andrade, é a convergência da experiência prática e o conhecimento teórico sobre a matéria. Para tal, vão estar presentes técnicos de diversas áreas especializadas nas metodologias das unidades de apoio a crianças e jovens surdos. O acontecimento está marcado para o dia 15 deste mês e terá tradução simultânea em Língua Gestual Portuguesa.

Colóquio

"Como serão as Relações Internacionais daqui a vinte anos?" é o tema deste III colóquio que inclui seis painéis. Os primeiros quatro terão lugar dia 23, nos quais se debaterá: "A Segurança"; "O 'Novo' Regionalismo e os Fenómenos de Integração"; "Os Desafios à Cooperação no Novo Milénio" e também a questão "Poderá a Economia Superar o Choque das Civilizações?".

Dia 24, "Cidadania" e "Que Futuro para as Nações Unidas?" são os temas a debater nos últimos dois painéis. Este colóquio contará com a presença de várias personalidades, como a jornalista Teresa de Sousa, João Cravinho, Maria de Lurdes Pintasilgo e Marcelo Rebelo de Sousa, entre outras.

Caminhos percorridos

No passado dia 7 de Abril terminou mais uma edição do Festival Caminhos do Cinema Português e anunciaram-se os vencedores do certame. Destaque para o prémio Ardenter Imagine, atribuído ao realizador de animação Abi Feijó. Este também recebeu o prémio do júri oficial pela melhor animação na categoria de película.

A melhor longa-metragem foi "Peixe Lua" de José Álvaro Morais, enquanto que a melhor curta–metragem foi "O Passeio" de Cristina Hauser. O prémio do público foi atribuído a "Clandestino" de Abi Feijó e a "25 de Abril - Uma Aventura para a Democracia" de Edgar Pêra, nas categorias de película e de vídeo, respectivamente.

"No Quarto da Vanda" de Pedro Costa foi galardoado com o Prémio de Imprensa, instituído por A CABRA há três anos. O júri deste galardão decidiu premiar este filme–documentário pela maneira como "aguça as sensações mais íntimas do espectador, numa partilha bastante profunda do carácter existencial da obra".

"Tou a reinar"

Mário Roque

In memoriam

Janeiro de 1991 - *Coisas que não compreendemos*

Foi há cerca de dez anos que o Dr. Manuel Machado, presidente da Câmara Municipal de Coimbra, concedeu uma entrevista ao nosso jornal. Dez anos depois, a direcção deste jornal considerou haver razões suficientes que justificassem uma nova entrevista àquele que, há mais de uma década, se encontra à frente do executivo camarário conimbricense. Após uma série de exaustivos contactos com vista ao agendamento de uma entrevista (e pela importância jornalística da mesma), a direcção d`A CABRA decidiu sujeitar–se às condições impostas pelo executivo camarário, acordando em realizar a entrevista "por escrito", redigindo as perguntas e esperando pacientemente pelo envio das prometidas e respectivas respostas. Uma vez mais, o processo iniciado por nós não chegou ao fim...

É absoluta e incompreensivelmente injustificável que Manuel Machado se mantenha fechado no seu casulo há mais de dois anos, sem conceder uma única entrevista àqueles que não aceitam as suas condições. E mesmo àqueles que as aceitam, pelos vistos...

Não se compreende, mesmo atendendo a procedimentos de lógica re–eleitoralista, que o presidente da Câmara Municipal de Coimbra se mantenha em silêncio.

A última frase significativa que dele ouvimos foi aquela em que afirmava que "o povo é o nosso melhor arquitecto". Não se compreende que continue a vedar a esse mesmo povo as respostas que muitos gostariam e têm direito de obter.

São essa respostas que gostaríamos de veicular no nosso jornal e que mais uma vez, por motivos que nos são alheios, não conseguimos facultar. Entendemos, por isso, que o maior transtorno é causado, não a nós, mas aos nossos leitores. A eles, as nossas mais sinceras desculpas.

A direcção do Jornal Universitário de Coimbra

Porque é que alguém quer ser comissário?

A poucos dias do início da Queima das Fitas 2001, qualquer pessoa mais ou menos informada dá por terminada a tentativa hercúlea de tentar compreender a mecânica organizativa da festa e deixa–se levar (sob protesto, é certo) pelo espírito contagiantemente alegre do certame. Em termos meramente teóricos, quem organiza a Queima das Fitas são os comissários. Tudo bem. Também em termos meramente teóricos, os democraticamente eleitos comissários atravessam várias fases de um processo de queimadurização, processo ele que merece uma pequena análise:

A fase "Vou mudar o mundo" dá–se imediatamente após a sua eleição e os primeiros avisos de que a estrutura da Queima das Fitas é tudo menos um mar de rosas. "Não interessa, eles comigo não brincam", ouve–se muitas vezes, sendo o "eles" um indefinido termo para designar certos elementos que navegam por esse (tudo menos um) mar de rosas há já alguns anos. É o período da utopia, da entrega, do trabalho. No final desta fase, é frequente visionarem–se os primeiros pontos de interrogação a pairarem no ar, sinal inequívoco que se está a partir para um segundo estádio.

A fase "Mas que raio é que se passa aqui?" é caracterizada por um certo grau de confusão. À inicial abstracção teórica e voluntarista, segue–se o caminhar galopante para o absoluto desnorte. Seja ele organizativo ou contratual, este desnortear é sempre disfarçado por uma forte crença na primeira etapa, do género "ainda consigo mudar isto", que é a ideia que sobressai para o exterior. Ao olharmos um comissário neste momento, ainda não conseguimos discernir se já entrou verdadeiramente nesta segunda fase ou se ainda permanece na primeira.

Segue–se o período mais complicado de todos: o "Onde raio é que me vim meter?", também conhecido pela fase de descrédito e revolta perante a organização da Queima. As olheiras são visíveis, o sorriso amarelece ou "pepsodentiza–se", o cansaço é palpável, a voz e as mãos tremem. Descobrem–se coisas que não se deveriam descobrir, juram–se silêncios e compreende–se que se cometeu um erro crasso ao afirmar a frase que escreve o primeiro estádio da vida de um comissário. Umas vezes lá se mudam umas coisitas, outras nem por isso. Manda–se muita gente para aquela parte, inclusivamente o próprio, e promete–se fazer todos os esforços para que os filhos que um dia virão não se metam nestas coisas.

Finalmente, a última e mais pungente fase de todas, a do conformismo, também conhecida como "Se contasse o que sei, ainda alguém ia preso". Aqui, o comissário adopta um discurso confuso e obscuro: fala por meias palavras, diz que vai dizer tudo aos jornais, mas de uma ou de outra maneira, acaba por não o fazer. Jura nunca mais se meter numa, ou alternativamente nunca mais larga o barco. Faltam poucos dias para a Queima e tudo vai correr bem. Oxalá os pés de barro não quebrem. Esta etapa prolonga–se quase durante um ano, muito para além da aprovação dos relatórios e contas.

Talvez esta estratificação fásica mais não queira ser que uma picada para dizer que as queimices estão muito mal. Isso já todos sabem. E se pouco se pode ou quer fazer para dignificar esta festa, ao menos duas ou três gargalhadas para "quebrar o gelo". Apesar de este ano os processos terem sido convulsivamente mais esclarecedores, põe–se a necessidade da pergunta, sob o ponto de vista pessoal: mas afinal porque é que alguém quer ser comissário?

Eduardo Brito